

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**

**CENTRO DE HUMANIDADES**

**UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA**

**Maxwell Rangel de Oliveira**

**Boqueirão de Letras: representações do *Diário da  
Borborema* sobre o abastecimento de água e saneamento  
de Campina Grande (1957-1967)**

**Campina Grande – PB**

**Fevereiro – 2009**

**Maxwell Rangel de Oliveira**

**Boqueirão de Letras: representações do Diário da  
Borborema sobre o abastecimento de água e saneamento  
de Campina Grande (1957-1967)**

**Monografia apresentada no curso de  
História para a obtenção do título de  
licenciatura em História na  
Universidade Federal de Campina  
Grande – PB.**

**Orientador: Prof. Dr. Severino Cabral Filho**

**Campina Grande – PB  
Fevereiro – 2009**



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

Maxwell Rangel de Oliveira

**Boqueirão de Letras: representações do Diário da Borborema  
sobre o abastecimento de água e saneamento de Campina  
Grande (1957-1967)**

Monografia apresentada em / 02 / 2009.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Severino Cabral filho  
Doutor pela UFPB  
Orientador

---

Luciano Mendonça de Lima  
Doutor pela UFPE  
Examinador

---

José Benjamim Montenegro  
Doutor pela UFCG  
Examinador

Campina Grande – PB  
Fevereiro – 2009

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus pela capacidade intelectual concedida e pela ajuda prestada na preparação deste trabalho.

A minha noiva, Flávia, pela sua atenção e compreensão fundamentais na preparação deste trabalho.

Aos meus familiares que de forma direta ou indireta contribuíram para esse trabalho, meus pais Irineu e Lindalva, minha irmã Karolávia, meu pequeno sobrinho Pedro Henrique, minhas cunhadas Fernanda, Fabiana e Fabíola, meus sogros Cícera e Fernando e demais que merecem meu respeito.

Aos amigos Denílson, Autobely, Sidney, Rodrigo.

Agradeço ao prof. Severino Cabral Filho pela orientação paciente, permanente e autêntica devotada a este projeto, cujo parecer crítico e auxílio pedagógico foram fundamentais na elaboração desta monografia.

À banca examinadora, todo o meu carinho e respeito.

A todos os professores e funcionários do departamento de História e Geografia que contribuíram direta e indiretamente com a minha formação.

Aos amigos do curso de História do período 2005.1 e demais com os quais estabeleci laços de sincera amizade e companheirismo intelectual: Alan Franklin, Alan Franca, Cristiane Raposo, Eva Ryan, Thális Nascimento, Ethon John, Romerino, Paloma, Márcia, entre outros.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>CAPÍTULO I: A adutora de Vaca Brava e a crise no abastecimento de água de Campina Grande</b> .....	12
<b>CAPÍTULO II: A adutora de Boqueirão e o sonho do fim da crise d'água</b> .....	23
<b>CAPÍTULO III: A Sanesa e sua árdua tarefa no cuidado do abastecimento de água de Campina Grande</b> .....	40
<b>CAPÍTULO IV: Representações letradas sobre a falta de água de Campina Grande</b> .....	53
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	61
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	63

Boqueirão de Letras: representações do Diário da Borborema sobre o abastecimento de água e saneamento de Campina Grande (1957-1967).

Autor: Maxwell Rangel de Oliveira

Orientador: Severino Cabral Filho

Examinadores: Dr. Luciano Mendonça de Lima

Dr. José Benjamim Montenegro

## RESUMO

A cidade de Campina Grande viveu uma experiência modernizadora entre os anos de 1957-1967, decorrente de uma política desenvolvimentista executada no plano nacional, na década de 1950, pelo presidente JK, que, atingindo Campina Grande, privilegiou sua modernização ao passo que projetou condições para atração de indústrias que conduziram o progresso econômico da cidade. Porém, essa tentativa de desenvolvimento econômico de Campina Grande no período acima referido, encontrou dificuldades como o abastecimento de água da cidade que precisava de melhoramentos a fim de proporcionar condições para o êxito da modernização pretendida. Este trabalho se propõe a analisar, a partir dos escritos jornalísticos do Jomal *Diário da Borborema*, como o problema do abastecimento de água foi discutido pelos representantes das elites, cronistas e outros desejosos de desenvolvimento econômico e em que medida a população campinense esteve presente nos projetos de modernização.

Palavras-chaves: cidade – água – modernização.

## INTRODUÇÃO

Muito já se escreveu sobre as cidades no Brasil e no mundo, a exemplo do Rio de Janeiro e Salvador ou Londres e Paris e tantas outras que poderiam ser citadas. Principalmente a partir das renovações dos estudos historiográficos desencadeados desde as formulações dos fundadores dos *Annales*<sup>1</sup>, as cidades vêm ganhando cada vez maior atenção por parte de historiadores e demais cientistas sociais. Tais renovações têm nos permitido analisar a cidade não como um fenômeno pronto e acabado, mas como um artefato que possui um dinamismo próprio, móvel, no fazer-se urbano.

As cidades têm sido vistas sob vários aspectos por historiadores e demais cientistas sociais. Desde o referencial estético, expresso no traçado das ruas, nas formas arquitetônicas dos edifícios públicos e/ou privados que a torna uma cidade moderna; elas também podem ser percebidas como espaço de resistência, de afirmação dos sujeitos na sua labuta diária pela sobrevivência e pela liberdade. Nesse campo, a História Social consagrou os escritos de E.P Thompson, E. J Hobsbawm e Christopher Hill, que se preocuparam em conceber os indivíduos como atores sociais conscientes de suas ações que preenchiam os espaços das cidades, marcando-as de uma forma ou de outra, convivendo de forma pacífica ou não com as práticas modernizantes, aceitando ou resistindo<sup>2</sup>. Indivíduos que moram, se divertem e trabalham no espaço urbano e que sentem o processo de melhoramentos urbanos no seu dia-a-dia seja para o seu benefício ou não.

Segundo o sociólogo Krishan Kumar, o que se entende por modernidade tem a ver com a designação que abrange as mudanças intelectuais, sociais e políticas que gestaram o dito mundo moderno. Essa modernidade estaria associada ao capitalismo, com a vida econômica e com a indústria. Para esse mesmo autor, foi devido à industrialização que a sociedade ocidental se impôs ao mundo, resultando numa modernização do mesmo<sup>3</sup>. Essa industrialização promoveria mudanças significativas no aspecto das cidades e de seus habitantes.

---

<sup>1</sup> BURKE, Peter. *A escola dos Annales: 1929-1989: a Revolução Francesa da Historiografia*. Tradução de Nilo Odália. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

<sup>2</sup> Cf: também CHALHOU, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro na Belle Époque*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

<sup>3</sup> Cf: KUMAR, Krishan. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Tradução de Ruy Jungman. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.



Sobre a cidade de Campina Grande, objeto de nosso estudo se debruçaram diversos jornalistas e cronistas, que dividiam espaços nos meios de comunicação e acabavam por viver uma verdadeira obsessão na busca de um ideal de desenvolvimento econômico. Seus escritos, atendendo a interesses os mais diversos, foram marcados por uma experiência moderna que privilegiou os símbolos desse moderno, símbolo que a posteridade reconheceria como empreendimento importante no desenvolvimento da cidade. Deixaram-nos como herança suas preocupações com o crescimento da cidade, assim como os seus desejos de vê-la transformada num centro industrial e comercial, referências imprescindíveis ao ideário desenvolvimentista.<sup>4</sup>

Em se tratando de Campina Grande podemos vê-la sendo alvo dos ideais de modernização, obviamente, que obedecendo a um ritmo diferente de modernização e numa proporção menor que de outras cidades brasileiras como, por exemplo, São Paulo, Rio de Janeiro e Recife. Além disso, podemos mencionar que a modernização de Campina Grande não acontece ao mesmo tempo dos exemplos citados acima. Ela é dependente de todo um contexto regional e nacional.

Todavia, a modernização almejada pelas elites campinenses esbarrou num persistente problema enfrentado pela cidade: o deficiente abastecimento de água acompanhado de um precário saneamento básico. Será nosso objetivo neste trabalho analisar como as elites campinenses traçaram uma meta modernizante para Campina Grande entre 1957 e 1967, utilizando-se dos escritos jornalísticos do jornal *Diário da Borborema*. Além disso, tentaremos perceber quais foram os impactos nos habitantes de Campina Grande com a execução de um sistema de abastecimento de água moderno tido como aquele que acabaria com a sede e possibilitaria o desenvolvimento econômico da cidade. Buscaremos perceber quais foram os desdobramentos políticos, econômicos, sociais e culturais oriundos da necessidade de modernização da cidade no sentido de perceber como a população estava envolvida nesse projeto, e como a falta de água modificou seus hábitos.

Nos escritos jornalísticos do recorte temporal proposto sobre Campina Grande, aparecem cenas nas quais Campina Grande é representada pela sua dinâmica, girando em torno do ideal de desenvolvimento econômico. Nesse sentido é que os homens de letras locais representaram à cidade, desejosos de avanços industriais e comerciais. Muitas vezes

---

<sup>4</sup> Cf: CABRAL FILHO, Severino. *A cidade através de suas imagens: Uma Experiência Modernizante em Campina Grande (1930-1950)*. Tese de doutorado em sociologia, UFPB. João Pessoa, 2007, particularmente o Capítulo II.

percebemos os ideais de modernização descritos através das cobranças junto aos poderes públicos, solicitando destes uma maior preocupação com o desenvolvimento campinense.

Em se tratando da utilização de escritos jornalísticos para a elaboração de um texto historiográfico, procuramos ser cautelosos no uso deles, atentando para a possível motivação que levou certos letrados a escrever ou dar publicidade a um determinado assunto em detrimento de outro. Enfim, a que público almejou atingir? Esta cautela parte do pressuposto de que a maioria dos que escreveram sobre o problema do abastecimento de água de Campina Grande pertencia a uma elite desejosa de urbanização e crescimento industrial que aconteceria mediante a resolução da crise no abastecimento de água, ou mesmo, estavam ligados direta ou indiretamente, aos interesses de muitos industriais e representantes da elite política local e nacional desejosa de prestígio junto à população campinense. Para Le Goff, o documento não é inócuo e sim antes de qualquer coisa o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da sociedade que o produziu.<sup>5</sup>

Para muitos autores, os jornais contêm registros fragmentados, distorcidos, e que atendem a determinado interesse, compromisso ou paixão, fornecendo apenas imagens subjetivas. O historiador José Honório Rodrigues sugeriu que nem sempre o conteúdo editorial foi marcado pela independência e/ou exatidão; esse historiador vê nos jornais uma espécie de mistura do imparcial com o tendencioso.<sup>6</sup> Devemos ter a sensibilidade de captar contexto político, o econômico e o social, que nortearam a produção de certas matérias jornalísticas que objetivavam a consumação de um desejo face à modernização de Campina Grande.

Um outro autor, Jean Glánissan, pondera sobre a dificuldade de sabermos a influência exercida sobre as informações e tenta compreender que tipo de pressão exerceria o governo sobre as informações<sup>7</sup>. Neste ponto é importante analisarmos a fim de compreendermos o contexto político que propiciou as tentativas de resolução da crise no abastecimento de água e saneamento de Campina Grande problematizando as notícias a esse respeito. Na resolução dessa crise a influência do governo foi grande e por isso procuraremos analisar a que objetivos atendeu a publicidade de certas notícias sobre a questão analisada.

Pierre Renouvin insiste na relevância de refletirmos sobre as fontes de informações de uma publicação, sua área de difusão, sua relação com as instituições políticas, grupos

---

<sup>5</sup> Cf. CERTEAU, Michel de. "A operação Histórica. IN: LE GOFF, J. e NORA, P. (orgs). História: novos problemas. 2ª ed. Trad. T. Santiago. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1979, pp. 17-48.

<sup>6</sup> Cf. LUCA, Tânia Regina. A História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo, Contexto, 2005, p. 111-153.

<sup>7</sup> Idem.

financeiros ou econômicos <sup>8</sup>. Será importante compreendermos até que ponto o jornal Diário da Borborema esteve envolvido na resolução da crise da água em Campina Grande e que relação manteve com as instituições interessadas na questão. Enfim, partiremos para a análise das informações jornalísticas vendo-as não como difusores da *verdade cartesiana*, mas de uma verdade, ou possibilidade de verdade, sobre determinado assunto. O jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica, porém o pesquisador precisa ser prudente ao tê-lo como fonte, a fim de elaborar um estudo que se aproxime da verossimilhança, tal como propõe Carlo Ginzburg <sup>9</sup>.

No primeiro capítulo pretendemos entender e discutir como a urbanização da cidade de Campina Grande foi pensada por intelectuais e políticos da cidade e em que medida problemas no abastecimento de água e saneamento da cidade impediram um melhor aproveitamento econômico. Neste capítulo discutiremos a atenção que se deu a tentativa de resolução do problema no abastecimento de água em Campina Grande e a importância da adutora de Vaca Brava enquanto investimento que refletia sonhos no tocante a uma melhor distribuição de água para a cidade possibilitando, por sua vez, a sua modernização. <sup>10</sup> Será importante compreendermos a realidade anterior à construção de uma nova adutora para a cidade de Campina Grande, a de Boqueirão. Entender a situação anterior à adutora de Boqueirão e quais as medidas tomadas pelo Poder Público e demais entidades diante da falta de água, é assunto neste primeiro momento.

No segundo capítulo procuraremos discutir os desdobramentos políticos e econômicos inerentes à necessidade de construção de uma nova adutora para a cidade de Campina Grande, numa tentativa de suprir a carência no abastecimento de água da cidade e dar suporte para sua industrialização. Nesse capítulo, será importante reconhecer que a construção de uma nova adutora obedecia a uma estratégia nacional da política desenvolvimentista do então presidente da República Juscelino Kubitschek, e a desejos de expansão econômica de Campina Grande enquanto pólo econômico do Nordeste. Analisaremos as tramas políticas e econômicas que envolveram a construção da adutora de Boqueirão, procurando também problematizar as condições de abastecimento de água e saneamento de Campina Grande posteriores a construção da adutora de Boqueirão. As tramas e tensões políticas que permearam a tentativa

---

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> Cf: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo, Cia. das Letras, 1980.

<sup>10</sup> O sistema de abastecimento de água de Vaca Brava se impôs como um projeto salvador, capaz de livrar Campina Grande não apenas do martírio da sede, mas também de fazer desaparecer dela todos os perigos trazidos pelas ameaças de epidemias que tantas vidas ceifavam.

de resolução do problema da falta de água em Campina Grande serão analisadas a fim de entendermos como se deu a discussão de tal questão.

No terceiro capítulo buscamos discutir o papel exercido pela Sanesa no controle do abastecimento de água e esgotamento sanitário de Campina Grande e das cidades circunscritas a Campina. Analisaremos algumas medidas tomadas por seus dirigentes no sentido de unificar e modernizar o sistema de abastecimento de água e saneamento de Campina Grande.

Por fim, no quarto capítulo buscamos compreender os desdobramentos sociais e culturais que permearam a tentativa de resolução do problema no abastecimento de água e saneamento de Campina Grande no sentido de refletir como os homens de letras representaram à população campinense e em que circunstâncias esteve envolvida nesse projeto modernizador. Analisaremos as tensões sociais provocadas pela falta de água em Campina Grande, bem como o rearranjo do cotidiano dos que mais sofriam com a falta de água suficiente para suas necessidades.

## ***CAPÍTULO I: A ADUTORA DE VACA BRAVA E A CRISE NO ABASTECIMENTO DE ÁGUA DE CAMPINA GRANDE..***

A partir dos anos 1930 e 1940 os intelectuais locais procuraram construir a imagem de Campina Grande como uma cidade moderna, grande, discurso que perdurou ao longo de todo o século – e que ainda perdura. As elites campinenses procuravam incentivar e promover o desenvolvimento econômico da cidade, almejando integrá-la ao movimento modernizador verificado em muitas cidades brasileiras de pequeno e médio porte no período transposto acima. E, por isso mesmo, esses homens de letras estiveram empenhados em reproduzir uma imagem da cidade enquanto pólo dinâmico de progresso econômico e acolhedora de grandes indústrias que poderiam crescer e calcar êxito com instalações na cidade.

Apesar dessa preocupação em desenvolver economicamente a cidade e passar à imagem de uma cidade propensa a modernização, os homens de letras e representantes das elites campinenses valendo-se de seu acesso aos jornais da cidade puderam pautar os problemas que impediam a plena realização do sonho de industrialização. Neste ponto não nos esqueçamos do “calo nos pés” das elites políticas e representantes dessas que dificultava o desenvolvimento econômico da cidade de Campina Grande: o deficiente abastecimento de água seguido das más condições de saneamento verificados na cidade em meados do final da década de 1930, perdurando-se em maior e/ou menor grau nas décadas seguintes. Era imprescindível que uma cidade do porte de Campina Grande tivesse um regular sistema de abastecimento de água e saneamento. Isto representava mais um ícone de progresso.

Algumas medidas foram tomadas em meados da década de 1910 no sentido de amenizar os problemas decorrentes da falta de um abastecimento de água digno para a população sedenta. Uma delas foi a utilização da água do açude de Bodocongó, obra esta realizada pelo governo federal e inaugurada no mês de março de 1917 visando o abastecimento de água da população campinense, uma vez que a demanda por água crescia e que se verificava um crescimento populacional de Campina Grande. Contudo, a água do açude apresentava alto teor de salinidade, o que a tornava imprópria para o consumo humano. Além disso, se verificou a partir dos anos 1920 a instalação de uma indústria têxtil e de curtumes que acabaram por tornar a água do açude ainda mais imprópria para o consumo dos habitantes de Campina Grande.

Já em 1924, o governador do Estado da Paraíba, João Suassuna, pretendeu construir o primeiro sistema de abastecimento de água para Campina Grande, através dos açudes de Puxinanã e Grota Funda. Porém, não foi possível realizar o sistema de esgotamento sanitário devido à falta de recursos financeiros do estado. Com esse empreendimento previa-se uma média de 67 litros de água para uma população de dez mil pessoas e foi inaugurada no dia 30 de janeiro de 1927. O projeto Puxinanã - Grota Funda atendeu as necessidades a curto e médio prazo levando água a gente campinense. Porém, o projeto não considerava o aumento populacional da cidade e tampouco seu crescimento espacial. E não era só esse o problema: a água proveniente do projeto Puxinanã - Grota Funda era desprovida de tratamento químico causando sérios riscos a saúde da população que dela bebesse. Estes motivos acabaram por decretar o fracasso do projeto que tenderia a amenizar o problema da falta de água de Campina Grande.

Medidas preventivas também foram tomadas no sentido de evitar maiores danos ao abastecimento de água e esgotamento sanitário de Campina Grande. A preocupação com o abastecimento de água de Campina Grande esteve presente a quase todo momento, antes e depois da construção da adutora de Vaca Brava, nas decisões tomadas pelo Poder Estadual e atuante nas requisições feitas ao Poder Federal em prol de melhorias que garantissem a população campinense água de qualidade e, também, um condicionante a mais: criasse condições para o desenvolvimento econômico da cidade. O Decreto nº. 715, de 23 de junho de 1936 permitia a criação da comissão de Saneamento de Campina Grande e decretava:

Art. 1º Fica criada a Comissão de Saneamento de Campina Grande, com as seguintes finalidades:

- a. rever e refazer os projetos existentes para os referidos serviços organizando os projetos definitivos e os relativos a adução do córrego de Vaca Brava;
- b. organizar, administrar tecnicamente e dirigir todos os serviços que digam respeito a construção das obras de abastecimento de água, aos esgotos sanitários e outras que forem complementares aos mesmos serviços;
- c. adquirir pelo custo real, por compra, mediante concorrência pública ou administrativa e contratos, os materiais necessários à execução das obras.<sup>11</sup>

O conteúdo deste artigo não nos deixa dúvidas sobre o fato de que a cidade necessitava de melhoramentos no tocante ao abastecimento de água e saneamento de esgotos e isto se evidencia pelo desejo de rever e refazer os projetos existentes pensando num projeto

---

<sup>11</sup> Arquivo Público do Estado da Paraíba "Caixa 27", vol. 548 doc. Decreto n. 715, de 23 de junho de 1936.

definitivo de obras de abastecimento de água e esgotos sanitários. Pelo menos na lei havia uma recomendação que previa a análise de todos os condicionantes para a realização da obra. A necessidade de rever certos projetos repercutiu na publicação do artigo acima pelo Poder Público possibilitando os ajustes necessários a fim de dotar a cidade de um mínimo de condição no abastecimento de água e saneamento básico. Ao que tudo indica “recursos” e empenho não faltariam. Os materiais necessários às obras deveriam ser comprados com urgência.

Além dessa medida que criava a Repartição de Saneamento da cidade de Campina Grande houve a assinatura de um contrato entre o Governo do Estado e a Companhia THE GREAT WESTERN COMPANY LTDA para o fornecimento de água destinado ao abastecimento das locomotivas da Companhia. A seguir visualizamos esse contrato.

#### REPARTIÇÃO DE SANEAMENTO DE CAMPINA GRANDE

BASES PARA O CONTRATO A SER FIRMADO ENTRE THE GREAT WESTERN COMPANY LTD (A COMPANHIA) E O GOVERNO DO ESTADO PARA O FORNECIMENTO DE ÁGUA PELA REPARTIÇÃO DE SANEAMENTO DE CAMPINA GRANDE (O SANEAMENTO) DESTINADO AO ABASTECIMENTO DE SUAS LOCOMOTIVAS EM CAMPINA GRANDE.

- a) O Saneamento se obriga a fornecer por uma derivação tirada de um distribuidor da rede de água em ponto conveniente, próximo da Estação da estrada de ferro e escolhido de acordo com a Companhia, água do abastecimento público, sob a pressão própria da rede e continuamente à disposição do consumidor, salvo motivo de força maior que obrigue manobras na rede provocando interrupção passageira do suprimento.
- b) A Companhia se obriga a dar à água recebida o uso industrial visado neste contrato, não podendo usá-la para instalações sanitárias, com exceção da dos trens, nem cedê-la, gratuitamente ou não, a terceiro, em Campina Grande ou qualquer parte, nem desperdiçá-la, sob pena da rescisão do presente contrato.
- c) A derivação da rede, a instalação da canalização e o uso da água serão sujeitos, no que for aplicável e não contrariar o presente contrato, ao que dispõem os decretos n. 1268 de 24 de janeiro de 1939, n. 1372 de 30/3/1939, n. 8 de 12/8/39 (que manda adotar como Regulamento da Repartição de Saneamento de Campina Grande, o Decreto 1428 de 24 de abril de 1926) e ao que vierem a dispor, futuras disposições regulamentares adotadas na Repartição.
- d) O preço da água será de mil e quinhentos réis (1\$500) o metro cúbico até o consumo mensal de mil e quinhentos metros cúbicos (1500 m.c.). O excesso além dessa cota custará 2\$000 por m.c. para os quinhentos metros cúbicos de excesso em cada mês e além desse limite o preço será de 3\$000 por m.c.
- e) O contrato terá a duração de dez anos. O Saneamento poderá suspender o suprimento da água depois desse prazo, por conveniência dos serviços, avisando, porém à companhia com a antecedência de um ano, pelo menos.
- f) A Repartição apresentará até o dia 3 de cada mês a conta de consumo do mês anterior, à Estação da Companhia em Campina Grande. O pagamento será efetuado em moeda

corrente nacional na Tesouraria da Repartição de Saneamento até o dia 15 de cada mês, referente ao consumo do mês anterior.

- g) A Companhia depositará nos cofres do Tesouro do Estado, em dinheiro, em título de dívida pública ou em cadernetas da Caixa Econômica Federal a importância de dois contos de réis (2:000\$000) a título de caução garantidora para fiel execução e observância das obrigações contraídas no contrato, respondendo pelo pagamento das contas, de consumo e das multas porventura impostas por transgressões das cláusulas do mesmo.
- h) As transgressões serão punidas com multas de cinquenta mil réis (50\$000), a quinhentos mil réis (500\$000) que deverão ser recolhidas a Tesouraria da Repartição de Saneamento dentro do prazo de 15 dias a partir do aviso respectivo, sob pena de serem reduzidas da caução, caso em que a Companhia fica na obrigação de integralizar esta última no prazo de quinze dias sob pena de ser suspenso o fornecimento de água até que seja integralizada a importância caucionada.
- i) A rescisão deste contrato por iniciativa do Governo antes do prazo nele marcado, obriga o Estado ao pagamento de indenização correspondente aos prejuízos sofridos pelo contratante em virtude de tal ato.
- j) A rescisão deste contrato por parte da Companhia antes do prazo nele marcado terá como consequência a perda da caução em benefício do Saneamento.
- k) Para efeitos legais é dado ao presente contrato o valor de vinte contos de réis (20:000\$000).
- l) Os contratantes elegem o fóro da capital para qualquer ação judiciária resultante deste contrato.<sup>12</sup>

A utilização da água seria disponível para uso industrial sendo a Companhia responsável pelo uso impróprio da água ficando sujeita a rescisão de contrato se houvesse transgressão no uso da água. Aqui a água dá as mãos ao progresso econômico através das locomotivas. O uso da água estava regulamentado pelo contrato assinado com a repartição de Saneamento de Campina Grande com todas as punições previstas caso houvesse desperdício da água fornecida. Um bem escasso deveria ser bem usado.

Com o objetivo de solucionar esse problema da cidade e possibilitar um avanço econômico de maior conotação foi pensada a construção da adutora de Vaca Brava; sem água suficiente os industriais de Campina Grande e de fora não podiam pensar num franco desenvolvimento econômico. Além dessa função catalisadora em prol do desenvolvimento industrial da cidade de Campina Grande, a nova adutora possibilitaria uma melhor distribuição de água para a população campinense que sofria no período acima indicado com a falta de um abastecimento adequado do líquido precioso nas suas casas. A construção da adutora de Vaca Brava possibilitava dotar a cidade de Campina Grande de um sistema de abastecimento de água tratada moderno.

Campina Grande não poderia ficar de fora do concerto que emergia das novas atitudes e sensibilidades relacionadas a práticas sociais que estavam em contato direto com os avanços

<sup>12</sup> Em 3 de novembro de 1941, Luciano César Vereda.



da ciência e dos avanços modernizadores do mundo. Em meados da década de 1930 a cidade era tida como a segunda maior exportadora de algodão do mundo e, obviamente, seus homens de letras e representantes da elite política se apoiaram nesse modelo econômico.

Diante dessa importância econômica se esperava sempre ver o crescimento da cidade tornar-se cada vez maior. Mas, claro lhe faltava o desenvolvimento de um item básico para que pudesse acontecer a efetivação de seu progresso econômico: a resolução definitiva do problema no abastecimento de água e do saneamento da cidade. Não se permitia ainda se vê nas ruas de uma cidade com propensão ao progresso econômico o transporte de água, uma água duvidosa, fornecidas em quantidades insuficientes e de maneiras anti-higiênicas. Não se podia permitir que a saúde da população que bebesse da água fornecida em Campina Grande viesse a estar em risco. Cenas desagradáveis foram desencadeadas pela precariedade do abastecimento de água da cidade.

Foi nesse contexto que o sistema de abastecimento de água de Vaca Brava se impôs, discursivamente, como um projeto salvador da cidade ao passo que, acreditava-se que por meio dele seria possível livrar Campina Grande do martírio da sede e fazer desaparecer os perigos das epidemias que ceifavam centenas de vidas e que, geralmente, estavam ligadas à má qualidade da água distribuída a população. E por isso mesmo estava incluído no projeto o esgotamento sanitário, a usina de depuração e o aproveitamento de esgotos, numa tentativa de solucionar mais esse desdobramento da crise no abastecimento de água da cidade.

O início dos trabalhos da construção da nova adutora aconteceu em 1937, justamente no período em que Vargas governou de forma autoritária e empreendeu um aporte de obras para garantir legitimidade junto ao povo valendo-se da propaganda abrangente e persuasiva.

Como reflexo dessa política, os governadores estaduais não pouparam esforços em dotar seus estados de obras estruturais que conferissem tal legitimidade junto ao povo, como foi o caso de Argemiro de Figueiredo, governador do Estado da Paraíba na época da construção da adutora de Vaca Brava. Esse empreendimento enalteceu o papel político de Argemiro de Figueiredo. Tratou de capitalizar dividendos que o transformaram em um símbolo de excelência administrativa favorecendo a realização de seus projetos no estado.

O contexto que cerca a construção do sistema adutor de Vaca Brava esteve permeado pela criação de mitos políticos, como é o caso da importância atribuída a Argemiro de Figueiredo na busca de resolução do problema da falta de água em Campina Grande. O próprio Argemiro empenhou-se de modo vigoroso na difusão de um papel de homem público fiel a realização dos desejos da população. A imagem de um político engajado nas suas atribuições administrativas.

Um outro aspecto relacionado à construção do sistema adutor de Vaca Brava foi o papel desempenhado pela edificação da adutora como responsável pela transformação no universo dos habitantes da cidade, ao passo que as representações em trono da obra enfatizavam a importância de um sistema de abastecimento de água moderno. A partir disso outras possibilidades foram pensadas pelos letrados campinenses, como, por exemplo, a do desenvolvimento econômico.

No entanto, mesmo efetivada a construção da adutora de Vaca Brava o problema no abastecimento de água da cidade ainda não estava completamente resolvido. O espaço urbano campinense e a população tendiam a crescer e isso por si só causava um receio de um colapso total no abastecimento de água. Os projetos de resolução desse problema deviam analisar as estimativas de crescimento da cidade para que pudessem calcar êxito.

É por isso que além da construção da adutora de Vaca Brava, se fez necessário à construção de chafarizes públicos buscando satisfazer os constantes apelos dos homens de letras que atendiam, muitas vezes, aos apelos da opinião pública campinense a fim de diminuir os problemas relacionados ao abastecimento de água. O seguinte documento da Repartição de Saneamento de Campina Grande atesta o comprometimento na construção de chafarizes de emergência:

#### REPARTIÇÃO DE SANEAMENTO DE CAMPINA GRANDE

Campina grande, 6.8.41

Sr. Secretário da Agricultura, Viação e Obras Públicas  
João Pessoa.

Solicito vossa autorização para a construção de mais um chafariz público, que será o n. 9. A obra projetada é do tipo padrão adotado para os oito chafarizes existentes, do que junto uma cópia.

Anexo, outrossim, o respectivo orçamento, que se compõe de parcela de 1:536\$969 relativa à construção do pavilhão e de 2:042\$605 pertinente à instalação d'água. Para estas últimas duas das peças mais caras, ou sejam o chafariz propriamente dito, de ferro fundido, no valor de 1:098\$805 e o hidrômetro de 1" (280\$000) existem em depósito. Apenas falta o registro de 60 mm a suprir (218\$437).

De qualquer forma a despesa total pode ser realizada dentro das verbas orçamentárias para o corrente ano.

O chafariz n. 9 ficará na rua Campos Sales, situado, como os demais, na periferia da rede d'água e em zona não saneada, muito edificada com habitações rudimentares ocupadas por população pobre.

A construção da obra irá satisfazer em parte os apelos da população dos bairros arredados que desde 1939 recorrem à Prefeitura Municipal ou diretamente a esta Repartição, por meio de abaixo assinados, pleiteando o benefício de um chafariz mais próximo a suas moradas.

A localização do chafariz n. 9 está feito de acordo com a Administração Municipal que também doará o pequeno terreno necessário.

O chafariz, uma vez iniciada sua construção, deverá ficar concluído até o fim de setembro, que é justamente o início da estação seca quando tal obra tem maior utilidade. Atenciosas Saudações.

Luciano Vareda  
Pelo Engenheiro Chefe.<sup>13</sup>

A construção de chafarizes era importante para o enfrentamento das épocas de constante seca garantindo a população um bem maior, mas escasso: a água. Mas isso não significa dizer que a construção de chafarizes era mais urgente em épocas de seca. Seu uso era cotidiano. O chafariz aproximava os indivíduos sedentos da água tão desejada. Essas construções emergiam das reclamações feitas pelos homens de letras da cidade agindo como representantes da população campinense ameaçada pela falta de água. Há também no documento acima a referência aos apelos da população concernente a construção de chafarizes de emergência. A partir do documento acima transcrito podemos perceber que havia a necessidade maior de atender aos residentes nos bairros periféricos da cidade, revelando os possíveis clamores dessa população por água potável nas suas casas. Essas reclamações emergiam com mais frequência antes do período conturbado de estiagem, momento em que a utilidade do chafariz era, sem dúvida, maior.

Atendendo aos apelos dos homens de letras e de lideranças políticas locais foram construídos chafarizes de emergência, provisoriamente construídos, para que diferentes zonas da cidade contassem com suprimento de água necessário e descongestionasse outros pontos da cidade. A estrutura contava com a construção de uma guarita para acomodar o chafarizeiro que era tirado de outro serviço para cuidar da distribuição de água. As medidas das autoridades da cidade refletiam os clamores em prol de água potável, demonstrando, assim, o peso exercido na comunidade campinense da falta de água e que medidas preventivas deviam ser tomadas com certa urgência para não causar um estrangulamento das atividades cotidianas ou mesmo um colapso no sistema de abastecimento de água.

De fato, a preocupação com o abastecimento de água e com as condições de saneamento das cidades paraibanas perturbou as mentes e corações dos envolvidos com a questão e suscitou debates políticos freqüentes. Mas ainda outra questão igualmente importante estava na ordem do dia: a seca e seus desdobramentos. Em 1946 o Interventor Federal da Paraíba José Gomes da Silva expôs sua preocupação ao Ministro Daniel Carvalho:

---

<sup>13</sup> REPARTIÇÃO DE SANEAMENTO DE CAMPINA GRANDE, Campina grande, 6.8.41, Sr. Secretário da Agricultura, Viação e Obras Públicas, João Pessoa.

Solicitando valiosa consideração vossa excelência tenho honra levar seu conhecimento acabo dirigir seguinte despacho senhor presidente república como resultado prolongada estiagem atinge interior estado grande contingente trabalhadores do campo está se deslocando para cidades litorâneas especialmente Campina Grande e esta capital repetindo fenômeno periódico êxodo nossas populações rurais. Apesar todos recursos disponíveis empregados com objetivo assistir financeira e economicamente flagelados, esta interventoria não pode isoladamente arcar todas conseqüências sociais tal desequilíbrio, de vez que providências necessárias excedem limites possibilidades orçamentárias estado, exigindo conjugação esforços e desenvolvimento planos obras para recompor efeitos calamidade. Crise desencadeada seca incidiu particularmente sobre zonas fisiográficas do Cariri e caatinga de onde estão emigrando levas retirantes, na sua maioria habilitados para utilização como mão de obra nos serviços públicos aqui planejados governo federal em cooperação estado. Levando fato ao conhecimento vossa excelência, de quem esperamos o superior beneplácito de sua visão administrativa, tomo liberdade sugerir, além socorro imediato possa determinar, atacamento [sic] obras a cargo departamento nacional secas assim como prosseguimentos trabalhos ferrovia Campina Grande Patos, medidas de emergência que trariam mais oportuna contribuição nossa iniciativa em ajuda vítimas seca. Conhecendo vossa excelência peculiaridades regionais com que se defrontam administrações nordestinas, certamente este apelo lhe merecerá a consideração que devemos descortínio patriótico eminente chefe nação. Atenciosas saudações.<sup>14</sup>

Este telegrama nos faz pensar sobre a seca e os seus desdobramentos como, por exemplo, a existência de centenas de retirantes alocados em Campina Grande que não se encontravam em atividade produtiva em virtude da estiagem. As condições adversas quanto à falta de água atingiam a toda Paraíba, como se verifica atualmente também. A idéia era ocupar os braços ociosos por causa da seca. Esta problemática é trabalhada pelo historiador Gervácio Batista Aranha ao discutir a seca como sendo “mote” para as reivindicações das estradas ferroviárias nos últimos anos do século XIX e início do XX nas províncias do norte. Para ele, a seca possibilitou a fabricação de um drama e sua dramatização obedeceu a fins políticos ao passo que trazia em si a reivindicação de um artefato do progresso.<sup>15</sup>

O telegrama acima traz um apelo à instância Federal em busca de soluções para o problema dos retirantes forçados a tal conduta em decorrência da seca e de seus desdobramentos. Os recursos orçamentários do Estado não eram capazes de custear uma ajuda permanente aos flagelados da seca e nem barrar as tensões sociais dela provenientes. O apelo ao Poder federal se fazia necessário a fim de barganhar recursos financeiros para que obras públicas em parceria fossem realizadas utilizando-se da mão-de-obra dos flagelados da seca que era abundante. Associa-se nesse ponto a preocupação com o dois problemas de alta

<sup>14</sup> Fundação Espaço Cultural da Paraíba, Arquivo Histórico, Interventor Odon Bezerra Caixa 35, ano 1946.

<sup>15</sup> Conferir ARANHA, Gervácio Batista. A seca como “mote” para as reivindicações ferroviárias: teatralização política e produção de um Norte “sofrido”. IN: Trem e Imaginário na Paraíba e Região: Tramas político-econômicas (1880-1925).

relevância para os paraibanos: a falta de água e os desdobramentos da seca sobre a população obrigada a se deslocar em busca de algo para fazer.

As reflexões em torno da resolução do problema do abastecimento de água e saneamento de Campina Grande nos permite também compreender a função exercida por diversas figuras políticas no jogo especulativo, numa busca frenética para “salvar” a cidade do suplício da água e ordená-la no movimento modernizador. Anteriormente vimos à atuação do Interventor estadual na busca de recursos para ocupar os braços ociosos por causa da seca. Na década de 1950, o cronista Cristino Pimentel realçava a honra de receber homens que se lançavam à resolução da questão da falta de água e do precário saneamento, mas também não deixava de cobrar medidas mais enérgicas no sentido de agilizar tal resolução o mais rápido possível, não fazer o sofrimento aumentar. A matéria a seguir deixa isso evidente:

A boa vontade faz milagre

Cristino Pimentel

Contentes, recebemos hoje pela manhã, a visita cordial do Snr. Moacir Medeiros Gomes, diretor, aqui, da repartição do Saneamento. Fizemos, como se diz na gíria, um papo de prosa. Esta versou sobre o serviço de fornecimento d'água[sic] a população campinense. Explicou-nos o Snr. Moacir: “a água que, suficientemente, estamos distribuindo, de cor turvada, é pura e pode ser ingerida sem temor algum. A limpeza que estamos fazendo na linha adutora, e a água nova que está entrando na barragem, embora beneficiado como é, tenha a sua cor natural. Enquanto durarem os serviços e a operação de limpeza não estiver completa, a água continuar bebida sem temor, porque quando ela chega aos depósitos para ser distribuída à população livre de impurezas.

- E qual o serviço prático de limpeza, Snr. Moacir?

- Estamos empregando o tal torpedo recomendado pelo engenheiro Saturnino de Brito, e que foi comprado pelo governo atual, no início de sua sugestão (sic). Com este instrumento mecânico, estamos removendo os restos de chumbo da soldagem dos canos, crostas, ferrugem e outras espécies de sujões acumulados nos tubos, coisas criadas naturalmente durante os 13 anos de serviços contínuos. Isto é muito comum. Uma casa cria teia de aranha, por bem cuidada que seja. O nosso próprio corpo, se nos descuidarmos de banhar, acumula sujões que só o sabão o removerá. Um motor que trabalhe todo o dia acumula resíduos os quais terão de ser removidos, de tempos em tempos, para que o seu mecanismo funcione bem.

É o caso de nossa linha adutora. Desde que foi inaugurada, há 13 anos, nunca foi limpa nem lhe deram o trato especial que estamos dispensando agora, para que o povo, de quem dependemos, procure nos censurar um dia e não encontre motivos. Todos querem ser bem servidos, mas, não sabem ter paciência. Roma não se fez em um dia. Nenhuma revolução se faz sem sacrifício e sem demorado [ilegível] preparo. Em [ilegível] deve haver um pouco de raciocínio e de resignação para que a dor do viver seja mais suave.

“Para os que nasceram compassivos haverá sempre sobre a terra algo a amar e, conseqüentemente, a deplorar, a sofrer e a tolerar”. Pensou George Sand.

Enquanto durarem os serviços de limpeza, somos levados, pela força de trabalho, a manter irregularmente o serviço d'água [sic], e fornecê-la com a cor e gosto anormal que se nota agora. Isto não durará muito tempo. É um empenho do governo.

Esperamos que sejamos compreendidos. Interessado como está o governo em esse problema vital que é o serviço de água e esgoto de Campina Grande.

Devem ser postos de lado os juízos temerários de alguns espíritos menos esclarecidos, e não se der importância a onda de despeito de algumas pessoas, interessadas em desacreditar o nosso serviço e escurecer o esforço do governo para resolver de vez o grande problema.

- E quanto ao fechamento das penas d'água, concedidas a título precário, às pessoas que não podem sanear as suas casas, o que nos diz Snr. Moacir?

- Estamos convidando os proprietários a comparecerem a nossa repartição para um entendimento. Até agora não cortamos nenhuma das 150 existentes. Aos que podem, elasteceamos o prazo, apesar de alguns deles usarem-nas já há sete anos, e aos que não podem, de fato, estenderemos a nossa tolerância, até o possível, cabendo a autoridade superior resolver o caso, aplicando ou não a lei que regula o assunto.

Desejamos um bem estar geral, pedindo, apenas, que não criem embaraços ao nosso serviço que, espero em deus, em breve funcionará a contento de todos. A boa vontade faz milagres. Ajudem-nos e faremos tudo bem e bom.<sup>16</sup>

O “papo de prosa” escrito pelo cronista deixa no ar uma preocupação das autoridades responsáveis pelo serviço de fornecimento de água e pelo saneamento de Campina Grande em primeiro tranquilizar a população ao comentar de forma consistente a qualidade da água fornecida. Apesar dos problemas no fornecimento da água ela era boa para o consumo dos campinenses, pelo menos ao ver das autoridades responsáveis pelo seu fornecimento. A idéia era não causar mal estar entre as autoridades públicas e os meios sociais da cidade por causa da água.

A paciência nesses casos era o remédio mais recomendado; “todos querem ser bem servidos, mas, não sabem ter paciência”, eis as palavras do diretor da Repartição de Saneamento de Campina Grande. O pedido de paciência visava conformar por um instante os afetados diretamente pela falta de água e, ao mesmo tempo, apontar para possíveis melhoramentos que acabariam com crise no abastecimento de água. Fazia-se questão de mencionar os procedimentos técnicos que estavam sendo tomados para que houvesse um melhoramento da qualidade da água distribuída à população campinense.

Em outro momento havia o reconhecimento da precariedade da água distribuída à população de Campina Grande e ao mesmo tempo a tentativa de mostrar como as técnicas empreendidas no fornecimento de água caminhavam para um melhoramento e que o governo estava “interessado” em melhor tratar a água fornecida aos campinenses. Esse resolve ou não o problema da água em Campina Grande deixava, sem dúvida, a população campinense angustiada.

---

<sup>16</sup> O Rebate, Campina Grande, 1 de julho de 1951.

Quando foi inaugurado o sistema de abastecimento de água de Vaca Brava em março de 1939 sua administração ficou na capital do Estado da Paraíba e isso fez com que não houvesse uma boa manutenção do sistema adutor, resultando numa água de baixa qualidade fornecida a população campinense, conforme verificamos. Justamente por esse motivo já em 1945 começou novas crises aliadas a falta de administração dos serviços. Adentrando a década de 1950 a situação precária do fornecimento de água e do saneamento da cidade parecia ser levada à conta gotas pelas autoridades políticas do Estado da Paraíba. A situação tendia a piorar nos dias de seca.

Foi então que no governo de José Américo de Almeida na década de 1950 que as crises aumentaram e foi verificada a necessidade de construção de um outro reservatório para suprir as deficiências no abastecimento de água de Campina Grande. Foi nesse contexto que foi decidida a construção do Açude de Boqueirão para garantir o abastecimento de água da cidade.<sup>17</sup> Essa medida fez ressurgir uma esperança de se vê o problema do abastecimento de água de Campina Grande completamente resolvido e a década de 1950 reservava, portanto, a Campina Grande novidades no trato do abastecimento de água e saneamento. Algo como uma luz no fim do túnel.

---

<sup>17</sup> Cf.: DO Ó. Edvaldo de Souza. *Sanesa: história de um bem comum*. Campina Grande: Editora Campina Grande, 1982, p. 9-11

## ***CAPÍTULO II: A ADUTORA DE BOQUEIRÃO E O SONHO DO FIM DA CRISE D'ÁGUA.***

A chegada de Juscelino Kubitschek ao poder em janeiro de 1956, e a realização de uma política desenvolvimentista embasada nas idéias de progresso e modernização econômica, tiveram grande repercussão no Brasil e penetraram de forma positiva em Campina Grande. As lideranças políticas locais, ligadas diretamente ou não, ao comércio e ao setor industrial, lutaram no sentido de concretizarem, em Campina Grande, tal política desenvolvimentista.

O pressuposto fundamental para a industrialização no caso campinense era a resolução do problema do abastecimento de água que, por sua vez, possibilitaria a infra-estrutura necessária ao aporte das tão desejadas indústrias. Campina Grande na década de 1950 enfrentava o problema de um abastecimento de água, que já não mais atendia às necessidades de sua população e impedia sua industrialização. Mesmo antes da década de 1950, a cidade já havia crescido numa proporção significativa, de tal forma que o consumo de água por habitante já extrapolava o que havia sido previsto pelos técnicos que projetaram a adutora de Vaca Brava<sup>18</sup>. A cidade estava sendo servida por 3 mil metros cúbicos de água, quando necessitava de 6 mil. Os jornalistas enfatizavam o surto de construções em Campina e ao mesmo tempo colocavam notícias na imprensa sobre os problemas relacionados ao precário abastecimento de água tratada, como se verifica a seguir:

Aparentemente, os últimos apresentam um movimento de construção digno de nota. Tal, porém, não acontece e, para se verificar isto basta sentir a diferença menor de apenas 869 prédios a mais do que o período anterior, o que significa que nestes últimos dez anos decresceu o número o índice de construções, em relação aos períodos anteriores, devendo-se considerar, ainda, que somente depois de 1942 é que a cidade conta com os benefícios do saneamento e abastecimento d'água e que é também desta última década o surto industrial que se processa. Quais os fatores dessa situação indefinida e de conseqüências desastrosas para o progresso urbanístico de Campina Grande, provocando a falta de moradias de aluguel? O serviço de abastecimento d'água é um desses motivos. Com uma população de quase cem mil habitantes, de todos os prédios da cidade apenas 2.874 estão ligados à rede de distribuição d'água, sem possibilidades de novas ligações antes dos trabalhos da nova adutora do Boqueirão...<sup>19</sup>

<sup>18</sup> Sobre o sistema Vaca Brava de fornecimento de água tratada e esgotamento sanitário, veja-se o trabalho de CABRAL FILHO, Severino. *A cidade através de suas imagens: Uma Experiência Modernizante em Campina Grande (1930-1950)*. Tese de doutorado em sociologia, UFPB. João Pessoa, 2007, particularmente o Capítulo II.

<sup>19</sup> Diário da Borborema, 2 de outubro de 1957, pág. 3



Refletindo acerca da matéria acima transcrita percebemos a relação estabelecida pelos letrados campinenses entre a necessidade de urbanização acompanhada pela preocupação com o abastecimento de água da cidade enquanto suporte para a urbanização. Após a construção do sistema de Vaca Brava, se processou na década de 1940 um surto urbanístico demonstrando que abastecimento de água regular e modernização andavam juntos. No entanto, no início da década de 1950 já se verificava um declínio no número de construções na cidade e isso acontecia devido a ter se tornado fraco o sistema de abastecimento de água e esgotamento sanitário de Campina Grande. Além disso, havia uma clara desproporção em relação ao número de habitantes e o número das casas ligadas à rede de distribuição de água. Isso impedia a verificação do crescimento urbanístico e industrial de Campina Grande.

Entre os jornalistas havia um consenso: as ações governamentais deveriam estar concentradas na resolução do problema da ampliação do abastecimento de água tratada e do saneamento da cidade. Nenhum outro problema mereceria atenção maior. Não se compreendia uma cidade como Campina Grande com tal deficiência. O cronista Epitácio Soares assim expressou sua preocupação:

O abastecimento d'água das nossas cidades, seja no sertão, no brejo, ou no cariri é problema fundamental para o seu desenvolvimento, sobretudo agora quando se cogita de industrializar o nordeste... Sem água é evidente que nenhum núcleo de povoamento poderá jamais se desenvolver... Faltam-lhes sobretudo o principal elemento, que é a água com condicionante para que o crescimento populacional se verifique em ritmo mais acelerado e outras atividades com o comércio.<sup>20</sup>

Percebemos claramente a relação desempenhada entre água e desenvolvimento nas palavras do cronista, e que era urgente tomar providências no sentido de que tal problema fosse sanado, para que, a partir daí, se tornasse possível o aporte de indústrias que promoveriam o desenvolvimento da região e, principalmente, da cidade. O regular abastecimento de água proporcionaria uma nova dinâmica econômica à cidade fazendo-a progredir em áreas como o comércio e a indústria.

As elites campinenses almejavam implantar uma obra que dotasse Campina Grande de signos modernizadores e atacavam um problema crucial para qualquer cidade que almejava o desenvolvimento: o abastecimento de água tratada e o esgotamento sanitário. A ausência de medidas preventivas atrasava o desenvolvimento de todos os setores da vida industrial da

---

<sup>20</sup> Diário da Borborema, 02 de abril de 1958.

cidade e maculava a imagem de Campina Grande conhecida por ser cosmopolita e pólo econômico.

Um primeiro passo foi dado no mês de abril de 1951 quando foram iniciados os trabalhos de construção da barragem do Boqueirão de Cabacciras cuja finalidade era abastecer Campina Grande. Tratava-se de um reservatório de grandes proporções com capacidade de armazenamento para quinhentos milhões de metros cúbicos de água. A conclusão da barragem ocorreu em janeiro de 1957. Porém, faltava à construção de uma adutora capaz de sanar o problema de abastecimento de água de Campina Grande, uma obra cuja execução dependeria de grandes investimentos. Ainda em 1956, durante o Encontro dos Bispos do Nordeste, o problema foi equacionado quando se reivindicou ao Governo Federal a construção de uma nova adutora: a de Boqueirão. Os trabalhos de construção da adutora foram confiados aos técnicos do Escritório Saturnino de Brito, sob a supervisão do DNOCS.

### *2.1 Adutora de Boqueirão: o fim do suplício da água?*

A adutora de Boqueirão constituiu-se como uma obra que marcou o aprofundamento do processo de modernização da cidade de Campina Grande ainda no final da década de 1950. Foi essa construção, inaugurada em novembro de 1958 pelo presidente da República Juscelino Kubitschek, que representou a ampliação de um padrão moderno no abastecimento de água. Tido como o “salvador da cidade”, o presidente foi eternizado em uma de suas praças centrais por meio de uma estátua, erigida em homenagem ao seu feito.

A inauguração da adutora serviu como um “divisor de águas” no que tange ao aceleração do processo de industrialização da cidade de Campina Grande. O Jornal comemorava, no dia da inauguração, o empreendimento:

Para um juízo mais aproximado da verdade íntima do fato, seria necessário que pudesse estimar a imensa lacuna que era a falta d'água potável em quantidade suficiente para as necessidades da população. Aí então é que se poderia chegar a uma estimativa mais precisa do valor do empreendimento. Mas nem assim estaríamos em condições de fixar o seu preço. Um fator, realmente, deixou de ser contado: o que o novo abastecimento d'água representará para o desenvolvimento da cidade. Todos sabíamos que os limites de expansão de nossa cidade, como centro urbano de expressão no Nordeste interior, estavam restritos a nossa insuficiência de água para as exigências mais primárias da coletividade. No setor industrial, que é a exata medida do progresso de uma cidade, a carência era fundamental...<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Diário da Borborema, 07 de novembro de 1958

A nova adutora apareceu com um empreendimento que resolveria os problemas decorrentes da falta de água e soltaria “os freios” que prendiam a aceleração da industrialização campinense. O sonho estava se tornando realidade com a inauguração da adutora de Boqueirão. Não havia como medir o preço do empreendimento que condicionaria a aceleração do progresso econômico da cidade. O novo empreendimento expandiria os limites da cidade e, principalmente, o setor industrial se expandiria numa velocidade maior. Mas nem tudo estava pronto com a construção da adutora. Era necessário expandir a rede de distribuição de água:

A idéia é a de que Campina Grande não terá seu serviço completo de abastecimento d'água senão quando todos os bairros tiverem canalização ... Será também necessário que se pense na rede de esgotos... e a ampliação dos esgotos torna-se tarefa indispensável, bem como a rede de distribuição d'água.<sup>22</sup>

Concluída a adutora se fazia necessário ainda que fossem tomadas medidas no sentido de prover a cidade de uma ampliação do sistema de abastecimento de água e saneamento. Uma ampliação que atingisse todos os bairros igualmente servidos de água tratada e de uma rede de esgotos sanitários. A canalização dos bairros era uma das prioridades após a inauguração da adutora de Boqueirão. Um passo importante nesse sentido foi dado pelo DNOCS que esteve à frente da construção da estação de filtros e suavização da adutora de Boqueirão para que houvesse um perfeito funcionamento da adutora visando à melhoria da qualidade da água distribuída à população campinense, para que a mesma chegasse aos consumidores filtrada, como se verifica a seguir no recorte jornalístico:

... Da mesma forma, têm curso as obras de construção da estação de suavização, a qual, como devem saber os leitores através de numerosos informes anteriormente divulgados, não se identifica com a seção dos filtros e tem outra destinação, isto é, servirá para melhorar ou eliminar o teor de dureza da água trazida do açude. Dentro de um mês, estará provavelmente concluída a construção civil da seção de filtros. Isto é animador para Campina Grande, que está bebendo desde novembro do ano passado água apenas tratada pelo sulfato de alumínio e cloro, esterilizada e purificada...<sup>23</sup>

È certo que a inauguração da adutora trouxe esperança para todos os que depositavam nela à certeza de um melhor aproveitamento econômico da cidade condicionado por uma melhor distribuição de água. Contudo, mesmo após a inauguração da nova adutora eram necessários empreendimentos que garantissem água de qualidade para a população

<sup>22</sup> Diário da Borborema, 12 de dezembro de 1958.

<sup>23</sup> Diário da Borborema, 23 de abril de 1959.

campinense, algo que todos esperavam. Na matéria acima transcrita percebemos a preocupação de informar a população os métodos que estavam sendo tomados para que houvesse a distribuição de água para a cidade de Campina Grande. Ainda informavam que estavam sendo tomadas providências visando à melhoria da qualidade da água servida através dos canos da nova adutora, mostrando que muito trabalho devia ainda ser feito a fim de garantir a Campina Grande água de qualidade. A seção de filtros serviria para melhorar o eliminar o teor de dureza da água advinda do açude. A preocupação tendia a crescer:

...Tudo isto está a indicar que ainda estamos longe de contar com nosso abastecimento d'água completamente terminada. Mas devemos confiar na ação do Presidente da República, que saberá destinar para essa grande obra do interesse coletivo o dinheiro necessário, acima das possibilidades do Estado, o principal responsável, sem dúvida, ainda, age, pelo abastecimento d'água de Campina Grande...".<sup>24</sup>

A nova adutora apareceu como empreendimento que salvaria Campina Grande do suplício da falta de água. Contudo, parece que era apenas um sonho, visto percebermos o reconhecimento de que estava longe de Campina Grande ter seu completo sistema de abastecimento de água e saneamento dos esgotos. E, novamente, é visível que quando a preocupação com o andamento das obras relacionadas à adutora crescia recorria-se diretamente ao Poder Público Federal em nome da população campinense a fim de barganhar recursos financeiros para a resolução definitiva do problema. Os meses iam passando e a extensão da rede de distribuição de água nos bairros continuava a mesma desde a inauguração da nova adutora de Boqueirão. Apenas haviam sido construídos alguns chafarizes pela Sanesa, conforme observamos abaixo.

---

<sup>24</sup> Diário da Borborema, 23 de abril de 1959.



Chafariz construído e inaugurado pela SANESA, no bairro de Bodocongó.<sup>25</sup>

A construção de chafarizes apareceu novamente como medida importante no que diz respeito ao abastecimento de água em algumas localidades da cidade. Eram esses chafarizes que atendiam a maior parte da população campinense que não tinha acesso à água encanada e que residia nos bairros periféricos. Ter um chafariz perto de casa conferia as comunidades mais pobres um acesso imediato à água, algo que de outro modo não seria possível. O chafariz perto de casa demandaria menos tempo para as famílias sedentas do líquido precioso, amenizando a falta de água. A construção de chafarizes dava um novo ânimo à população sedenta e angustiada pelo não acesso imediato à água.

Promessas eram feitas no sentido de acalmar os ânimos exaltados pela ineficiência do Poder Público em face da crescente pressão pela resolução da questão do abastecimento de água. A pressão convergia para uma questão: ou resolvia-se o problema no abastecimento de água e esgotos de Campina Grande ampliando sua extensão ou a cidade entraria em franco declínio econômico. Isto é bem evidente na seguinte matéria jornalística:

...Campina Grande precisa de ter completo o seu sistema de abastecimento d'água. O povo necessita ter água em seu bairro e, tanto quanto possível, em sua casa. E água é elemento essencial para a indústria. Pensar em industrialização da cidade sem ter água suficiente é querer algo impossível como querer industrializar sem equipamentos e capitais. O problema d'água desta cidade é um dos pontos do estrangulamento ao seu progresso em vários setores. Daí porque toda a solicitude dos nossos governantes deverá ser no sentido de alertar o Presidente da República para as providências urgentes que se fazem

<sup>25</sup> Conferir Diário da Borborema, 8 de abril de 1959.

necessárias a fim de que o presente que ele deu a Campina Grande, não seja recebido só em parte...".<sup>26</sup>

Novamente percebemos a relação estabelecida entre suprimento de água e industrialização, como ambas estando intrinsecamente ligadas e dependentes, num caminho que conduziria ao progresso econômico. O povo necessitava ter água em seu bairro e em sua casa e a cidade necessitava ter água suficiente para crescer economicamente. O problema da água é atacado de forma veemente como sendo um obstáculo ao desenvolvimento econômico da cidade, tratado como ponto de estrangulamento do seu progresso em vários setores. Parafraseando o jornalista, pensar em industrialização sem água era o mesmo que industrializar sem equipamentos e dinheiro. Daí o motivo de tantas reclamações feitas ao Poder Público no sentido de logo ser resolvido tal problema ampliando as possibilidades de crescimento econômico de Campina Grande.

Na caminhada que visava o cumprimento do projeto de industrialização que envolvia a ampliação do sistema de água e esgotos de Campina Grande estiveram em cena a Federação das Indústrias da Paraíba, o DNOCS, a Associação Comercial de Campina Grande, a Comissão Incorporadora do Saneamento de Campina Grande S.A e outras tantas personalidades diretamente envolvidas entre engenheiros, deputados, senadores, industriais, etc. A bancada paraibana na Câmara e no Senado tinha uma grande responsabilidade de garantir recursos suficientes para a ampliação do sistema de abastecimento de água e esgoto de Campina Grande.

No ano de 1959 foi apresentado o projeto que previa a ampliação da rede de abastecimento de água da cidade. Eis a proposta:

...o projeto está dividido em três partes: 1º) construção do reservatório R-4 conjunto ao reservatório R-5 e sua adutora R-5/R-4 orçado em vinte e sete milhões de cruzeiros, 2º) Lançamento de cinquenta e quatro quilômetros da rede distribuidora no total de setenta e três milhões de cruzeiros; 3º) O projeto prevê um aumento de população até 220.000 habitantes e a cota média de 200 litros d'água diária por pessoa...<sup>27</sup>

Nos projetos a questão da ampliação do sistema de distribuição de água tratada para Campina Grande parecia estar resolvida. No entanto, na prática os recursos não eram suficientes para que o suplício da falta de água fosse resolvido plenamente e para que a rede

<sup>26</sup> Diário da Borborema, 07 de junho de 1959.

<sup>27</sup> Diário da Borborema, 18 de agosto de 1959.

de distribuição jorrasse abundantemente água de todas as torneiras e chafarizes públicos. Nos projetos havia previsões para o crescimento da cidade. Isso era importante para solucionar o problema da falta de água sem haver a necessidade de construção de mais adutoras no futuro.

Havia uma clara necessidade de ampliação da rede de distribuição de água e tratamento de esgotos, e a partir da constatação dessa necessidade compreendemos que a construção de uma nova adutora, a de Boqueirão, não significou o fim do suplício da água. Esta afirmação torna-se evidente ao lermos uma matéria publicada no ano de 1962 na qual há um relato de assinatura de convênios para a ampliação da rede de distribuição de água:

Um novo convênio acaba de ser assinado, desta vez entre o DNOCS, o Escritório Saturnino de Brito e a SANESA para que sejam concluídas as obras da estação de filtros, da estação de suavização d'água, e sejam corrigidos os defeitos na linha de transmissão da energia elétrica que aciona os possantes motores das duas estações de recalque, em Vereda Grande e Gravatá. É uma notícia que enche de satisfação os campinenses. Afinal, todos esperavam que, um dia, fosse completado o sistema adutor do Boqueirão, mesmo antes que se possa ampliar a rede de distribuição d'água na cidade...<sup>28</sup>

Após a inauguração da adutora de Boqueirão, os recursos foram insuficientes para a realização da desejada ampliação da rede de distribuição de água na cidade de Campina Grande. Segundo os jornais, houve melhora na disponibilidade de água potável, mas ainda em 1962 não era suficiente para atender as demandas da população e as necessidades das indústrias que pretendiam estabelecer-se na cidade. Problemas eram verificados constantemente e isso tornava urgente convênio visando sua resolução. Este problema persistiu no decorrer de toda a década de 1960, embora em proporções menores àquelas anteriores à construção da adutora de Boqueirão.

Enquanto as elites políticas barganhavam contratos que possibilitassem a ampliação da rede de distribuição de água para Campina Grande, os campinenses conviviam com a agonia de não ter acesso à água de qualidade e por isso tinham que continuar a esperar pelas instituições responsáveis pelo seu abastecimento de água digno. O jornal *Diário da Borborema* relata, talvez com algum exagero, que muitos falavam em retirar-se de Campina Grande:

Com aspecto de calamidade pública, a crise do abastecimento d'água desta cidade está se convertendo, a esta altura, num drama dos mais angustiosos para a população campinense. São cento e vinte mil habitantes a clamarem contra a falta d'água. Nos

---

<sup>28</sup> Diário da Borborema, 30 de março de 1962.

bairros pobres, a situação é ainda mais grave. Muitas pessoas já falam até em se retirar da cidade, se o problema não for resolvido...<sup>29</sup>

A falta de água foi tida como calamidade pública porquanto angustiar a população campinense. E, claro, a situação tendia a ser mais difícil para a população residente nos bairros periféricos, mais pobres. A possibilidade de retirar-se da cidade aparecia como uma ameaça caso a crise no abastecimento de água não fosse solucionado a tempo hábil. Contudo, será que essa população pobre teria condições de retirar-se da cidade? Ou a imprensa utilizou tal argumento como estratégia de pressão contra as autoridades responsáveis pela resolução da crise no abastecimento? Um dado em especial nos chama a atenção. Havia se passado mais ou menos quatro anos desde que a adutora de Boqueirão tinha sido inaugurada e as condições relativas ao abastecimento de água não estavam boas, tratando-se o caso como sendo de calamidade pública.

Todavia, não era somente a falta de um regular abastecimento de água que impedia o pleno desenvolvimento econômico de Campina Grande. A carência de outro elemento básico também poderia colocar Campina Grande em situação desfavorável com relação ao processo de industrialização com que muitos sonhavam: a energia elétrica. Em matéria publicada no ano de 1964, o Diário da Borborema tornava pública essa questão:

...A criação do Distrito Industrial foi um ato positivo do Governo do Estado. Este, entretanto, não pôde ainda cuidar com maior objetividade do problema de levar água canalizada e rede de eletrificação ao Distrito...<sup>30</sup>

A partir da matéria acima transcrita podemos inferir acerca do persistente sonho de levar a frente o programa de progresso econômico de Campina Grande ou mesmo de manter o ritmo de progresso da cidade atacando a má distribuição da energia elétrica no coração industrial da cidade. O suprimento de energia elétrica não era suficiente para uma localidade que simbolizava o desenvolvimento econômico da cidade.

Ainda percebemos um dado no mínimo interessante que diz respeito ao ano da publicação da matéria: 1964. Ora, havia se passado vários anos desde a inauguração da nova adutora do Boqueirão responsável pela distribuição de água para Campina Grande e redondezas, especificamente quase seis anos, e mesmo assim Campina Grande não contava integralmente com água canalizada. E o pior é que as áreas que simbolizavam o progresso

---

<sup>29</sup> Diário da Borborema, 23 de outubro de 1962.

<sup>30</sup> Diário da Borborema, 17 de julho de 1964.



econômico da cidade ainda em 1964 não contavam com uma regular distribuição do líquido precioso. Se os setores estratégicos para o cumprimento do programa de industrialização da cidade não dispunham de água suficiente, imaginemos como o restante da população, principalmente a residente em bairros periféricos era atendida. Deveras, mesmo após seis anos havia uma certeza no tocante a distribuição de água de Campina Grande: tudo era instável, inseguro, de futuro bastante incerto.

A paciência da população esteve no limite com o decorrer da década de 1960 em virtude do problema com o abastecimento de água não apresentar melhoras. Uma matéria de 1963 atesta bem isso:

O abastecimento d'água de Campina Grande está chegando ao seu ponto crítico. já não é possível adiar a solução do problema... Lembrem-se as autoridades: a paciência do povo um dia se esgota.<sup>31</sup>

Os problemas relacionados ao abastecimento de água de Campina Grande pareciam não ter solução e a paciência da população se esgotava diante da inoperância das autoridades em tentar resolver tal situação. Defeito nas usinas elevatórias, mau funcionamento da estação de suavização de água aliada a não ampliação da rede de distribuição de água tiravam a paciência da população.

O futuro apresentava-se aos homens de letras que representavam os campinenses um pouco tenebroso em virtude desta situação. Em 1964, numa matéria intitulada “Problema mais grave de Campina Grande continua sendo abastecimento d'água” testificamos o que se esperava do futuro próximo:

Embora surjam, constantemente, problemas e preocupações na vida da cidade, resta, como o mais grave problema de Campina Grande, a questão do nosso abastecimento d'água. Seria desnecessário relembra toda a história, desde que foi inaugurado a Adutora do Rio Paraíba (conhecida como Adutora de Boqueirão). Mas o povo talvez não esteja lembrando de que a qualquer momento poderá ocorrer um verdadeiro colapso no sistema adutor, isto é, no sistema de bombas e motores de Vereda Grande e de Gravatá, paralisando o fornecimento de d'água que vem do açude Boqueirão, é o que informa a direção da SANESA...<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> Diário da Borborema, 13 de outubro de 1963.

<sup>32</sup> Diário da Borborema, 16 de junho de 1964.

Eis o grande medo dos campinenses na época: o colapso no fornecimento de água. Considerando as condições de abastecimento de água e dos equipamentos responsáveis por manter sua regularidade essa hipótese de colapso não devia ser descartada. Viver com pouca água já era angustiante para a população campinense e viver sem ela, mesmo que com baixa qualidade, era uma idéia assustadora. Mesmo algum tempo após a inauguração da adutora de Boqueirão a situação de abastecimento de água de Campina Grande inspirava cuidados urgentes.

Mas nem todas as notícias sobre o abastecimento de água de Campina Grande eram ruins. Em 1966, técnicos da Antarctica fizeram uma viagem à cidade e examinaram a qualidade da água para ver a possibilidade de instalar-se tal indústria na cidade. E parece que os resultados foram bons:

Em contato com assessores da CINGRA (Companhia de Industrialização de Campina Grande) fomos informados que os referidos técnicos deixaram esta cidade bem impressionados com as condições aqui encontradas, notadamente nos setores de mão-de-obra, indústria de manutenção, potencialidade d'água e, finalmente, posição geográfica da cidade que possibilita amplo acesso ao mercado consumidor nordestino. Segundo nos adiantaram, ainda, tais condições poderão influir numa decisão final por parte da diretoria da Antarctica muito embora se reconheça sua necessidade de tratamento d'água do Boqueirão para utilização da fábrica projetada implique num encarecimento dos seus produtos, dada a maior inversão que terá de ser feito em equipamentos.<sup>33</sup>

Essa notícia era a mais aguardada pelos representantes das elites campinenses e também pela população campinense visto que o estabelecimento da indústria na cidade traria maiores possibilidades de emprego. Aqui chegamos ao ponto crucial da tentativa de industrialização da cidade: a análise de suas condições, inclusive a água. Isto também não significa dizer que as condições de abastecimento de água tinham melhorado na cidade numa proporção enorme. Os assessores da Antarctica estavam convictos de que a qualidade da água ainda não era a ideal, porém, a cidade apresentava outros fatores que possibilitariam um bom desenvolvimento econômico da indústria. A água mereceria atenção especial.

## ***2.2 – A mitificação de um benfeitor: JK e sua relação com a adutora de Boqueirão.***

Ao lidarmos com os desdobramentos políticos e econômicos que permearam a construção da adutora de Boqueirão não podemos dissociá-la da política nacional promovida

---

<sup>33</sup> Diário da Borborema, 05 de julho de 1966.

pelo presidente Juscelino Kubitschek de caráter desenvolvimentista, industrializante. Os políticos paraibanos da bancada estadual e federal estiveram empenhados em facilitar o caminho para a realização do sonho da construção da adutora de Boqueirão. A exemplo do suplente do senador Rui Carneiro, o Sr. Abelardo Jurema, político encarregado de conduzir ao presidente Juscelino Kubitschek os elementos indispensáveis à construção da adutora de Boqueirão. Os relatos nos permitem perceber o quanto o presidente era requisitado no caso da resolução do problema do abastecimento de água e saneamento da Paraíba, em especial de Campina Grande. Recorria-se com bastante frequência a instância federal em busca de recursos para a resolução do problema no abastecimento de água e saneamento. A chance de ver os apelos atendidos estava no governo de Juscelino Kubitschek.

Juscelino Kubitschek nasceu em Diamantina, uma das mais tradicionais cidades de Minas Gerais. Formou-se em Medicina e por pouco tempo exerceu sua profissão na Polícia Estadual de Minas Gerais. Mas sua vocação era mesmo para a política e desde o início sua carreira política esteve associada à elite política de Minas Gerais. Enquanto presidente da República do Brasil tornou-se conhecido por suas realizações econômicas. A base para essa realização econômica foi à expansão da produção industrial. E justamente nesse ponto a elite paraibana, sobretudo a campinense, engajou-se no propósito de possibilitar a Campina Grande uma infra-estrutura capaz de encaixá-la no plano de desenvolvimento econômico nacional.

Anteriormente já falamos do persistente problema no abastecimento de água e saneamento da cidade que impedia a plena realização do sonho modernizador. O presidente JK atuou de forma decisiva nos projetos de construção de uma nova adutora para a cidade de Campina Grande, a de Boqueirão. Havia a disposição do Presidente em alocar os recursos para as obras da adutora. O cronista Epitácio Soares, do Diário da Borborema, em uma crônica intitulada de “Água em agosto” revela-nos a relação estabelecida como presidente JK:

...Campina Grande, que vem sofrendo já há tantos anos o seu suplicio de tântalo, com a falta d'água que tem se constituído num verdadeiro entrave ao seu progresso, esperaria ainda pacientemente até dezembro, que fosse inaugurada a adutora do Boqueirão. E que os campinenses estavam absolutamente convictos de que o presidente da República não faltaria a palavra que empenhou em seu discurso do Campinense Clube, no encerramento do Encontro dos Bispos do Nordeste de resolver no seu governo o problema vital desta cidade, que é o do seu abastecimento d'água (...) A nós, que seremos os beneficiados desse gesto de alta fidalguia do primeiro mandatário da nação, só temos que agradecer a sua Excia. Esse tratamento especial que vem dispensando a Campina Grande. Aliás, o testemunho desse agradecimento já está se positivando na campanha que está sendo feita para a ereção nesta cidade, de uma estátua do presidente Juscelino a ser inaugurada no mesmo dia da inauguração do serviço de abastecimento d'água (...) A estátua não será eqüestre e nem apresentará nenhum aspecto militarista, como aquela do velho imperador.

Será a estátua de um presidente civil em trajes civis. Poderia ser também a estátua de um presidente militar em trajes militares, porque enfim são os militares a força que garante a soberania nacional. De qualquer forma, porém, quer seja ou não imitado o exemplo do velho imperador, Campina Grande está na obrigação de dar uma demonstração pública do mais alto apreço ao presidente Juscelino, que descendo as montanhas de Minas Gerais para depois subir as escarpas da Borborema, veio até nós para matar a nossa sede.<sup>34</sup>

O cronista deixa claro o que de antemão consideramos: a falta de água como entrave ao progresso de Campina Grande. Além disso, permite-nos compreender o papel desempenhado pelo presidente da República Juscelino Kubitschek, que deu sua palavra, no sentido de propiciar a cidade de Campina Grande um abastecimento de água decente que possibilitasse o crescimento econômico da mesma. E, obviamente, Juscelino não queria passar para a posteridade como o responsável pela continuação do suplício da água, seria uma atitude desastrosa em sentido político.

A mesma crônica nos permite medir o apreço da “população”, insuflada pela imprensa ou pelos políticos locais, pelo presidente Juscelino a ponto de se pensar a ereção de uma estátua em homenagem àquele que aparecia aos campinenses como o redentor da cidade, o salvador das almas deprimidas pela falta de água. Nas palavras do cronista, o presidente havia feito algo que merecia uma demonstração pública de agradecimento. Afinal, ele havia se deslocado do centro do país e “veio até nós para matar a nossa sede”. Será que sua intenção era mesmo somente matar a nossa sede ou também matar sua sede de prestígio político que lhe conferiria maior aceitação entre os nordestinos?

De fato, a dita homenagem mereceu tanta atenção que houve um lançamento de uma campanha para a ereção da estátua do Juscelino seguida de um forte apelo à opinião pública a fim de garantir a ereção da estátua. O industrial Alvino Pimentel se expressou no sentido de remontar aos motivos que inspiravam à ereção da estátua do presidente rememorando:

...o angustiante drama da falta d'água em Campina Grande dizendo da atitude pronta e decisiva do presidente da República no atendimento ao apelo que lhe foi dirigido do Encontro Dos Bispos do Nordeste, tomando da iniciativa do governo federal, oitenta por cento das obras de saneamento de Campina Grande e o seu conseqüente abastecimento d'água através da adutora do Boqueirão...<sup>35</sup>

A propositura da ereção de uma estátua em homenagem ao presidente Juscelino significava um muito obrigado pela pronta disposição do mesmo com relação à resolução do problema do abastecimento de água numa hora em que as condições tendiam a piorar.

<sup>34</sup> Diário da Borborema, 09 de janeiro 1958.

<sup>35</sup> Diário da Borborema, 09 de janeiro de 1958.

Notemos, também, de onde partia a propositura para a ereção da estátua do presidente: de representantes da elite campinense. Na matéria acima, vimos a atuação do industrial Alvino Pimentel que, sem dúvida, estava desejoso da resolução do abastecimento de água de Campina Grande e, talvez, mais desejoso, do que tal empreendimento significaria para a economia da cidade. Isso pode ser evidenciado pela seguinte matéria na qual se discute qual o local apropriado para a ereção da estátua do presidente:

Como já é do domínio público, os campinenses agradecidos ao presidente Juscelino Kubistchek por ter, esse estadista, numa hora grave para esta cidade, com o problema do seu abastecimento d'água sem solução, evocado ao governo da República a responsabilidade de resolver esta questão vão erigir-lhe uma estátua numa de nossas praças, para cujo fim foram iniciadas as subscrições populares. A iniciativa dessa homenagem de campina Grande ao presidente Juscelino partiu do sr. Alvino Pimentel, líder político de grande influência neste município, e encontrou imediata repercussão em todos os círculos sociais da cidade Rainha, onde hoje é indiscutível as simpatias de que desfruta o presidente da República...<sup>36</sup>

É evidente a preocupação dos homens de letras de destacar que a população campinense, e não parte dela estava agradecida pela construção da nova adutora e, novamente, graças à atuação de Juscelino Kubitschek a população estava tranquila quanto ao abastecimento de água e que por este motivo se fazia necessário como demonstração de agradecimento público. A mesma matéria comunica que a campanha em prol da ereção da estátua do presidente foi parar na Câmara Municipal como projeto que previa o pedido de uma contribuição de cinquenta mil cruzeiros.

### ***2.3 - Casos e acasos da política: em cena a adutora de Boqueirão.***

As questões que envolveram a problemática da falta de água em Campina Grande tiveram desdobramentos políticos relevantes seja no tocante a utilização política de tal empreendimento para a cidade seja no aspecto relacionado a manobras políticas que tornavam fácil ou, muitas vezes difícil, o andamento das obras e conseqüentemente tornava muito mais burocrático a resolução da falta de água da cidade.

As manobras políticas estiveram no palco das discussões que envolviam o problema do abastecimento de água de Campina Grande antes, durante e, principalmente, depois da

---

<sup>36</sup> Diário da Borborema, 19 de janeiro de 1958.

inauguração da adutora de Boqueirão. A matéria a seguir datada do ano de 1957 deixa claro essa afirmação.

A maior dificuldade no momento para mais rápido andamento das obras de construção da adutora do açude de Boqueirão para o abastecimento d'água de Campina Grande é a demora na concessão pelo Banco do Nordeste do empréstimo solicitado pelo Governo do Estado. A realização do sistema de abastecimento depende do concurso dos Governos da União e do Estado...<sup>37</sup>

As informações prestadas acima pela matéria jornalística enfatizam o processo burocrático que permeou a construção da adutora de Boqueirão no qual estiveram engajados diversos órgãos públicos nos âmbitos federal e estadual a fim de comandarem a construção da adutora. No âmbito federal esteve à frente desse processo o Departamento de Obras Contra as Secas (DNOCS), que deveria repassar o dinheiro e materiais para o Escritório Saturnino de Brito. Caberia a CHESF fornecer os transformadores para a corrente de energia. Por fim, caberia ao Governo estadual, através da empresa construtora, a cobertura de valas e a recepção e tratamento da água e outros serviços. Diante desse processo burocrático que envolvia várias camadas de órgãos públicos, o medo de manobras políticas era constante:

...Temem algumas pessoas que se trate de alguma manobra política que está impedindo o Banco – criado para o desenvolvimento da economia nordestina – favorecer com seus recursos o Governo da Paraíba, numa obra que bastará para consagrar a sua administração em relação a Campina Grande.<sup>38</sup>

Além de conviver com suspeitas de manobras políticas que poderiam estar atrapalhando o andamento das obras da adutora de Boqueirão, os noticiários estampavam misteriosos incêndios que retardavam as obras. Certamente, havia alguns que não queriam ver o problema da água de Campina Grande resolvido. Isto só aumentava a tensão política por trás da construção da adutora.

Mesmo após a construção da adutora de Boqueirão as denúncias sobre desvio de verbas e sabotagem contra a adutora ocuparam as páginas do *Diário da Borborema* chegando a haver o lançamento de um inquérito em torno da adutora. A solicitação desse inquérito foi feito pela Câmara dos Vereadores de Campina Grande a fim de apurar denúncias contra fatos

---

<sup>37</sup> *Diário da Borborema*, 06 de outubro de 1957.

<sup>38</sup> *Diário da Borborema*, 06 de outubro de 1957.

graves que teriam passado no decorrer da construção, que impossibilitou a realização mais perfeita daquelas obras. O *Diário da Borborema* expôs da seguinte forma tal problemática:

... Se há responsabilidades a serem apuradas no inquérito, que venham elas à luz. Se irregularidades foram cometidas por quem que seja de modo que redundassem num prejuízo para a população de Campina Grande, contrariando, desta forma, os melhores propósitos do sr. Juscelino Kubitschek em relação a nossa cidade, não poderão elas ser relegadas ao desprezo das autoridades. Por outro lado, cumpre salientar que o maior interesse na apuração das denunciadas irregularidades, será dos próprios acusados, em geral, pessoas de projeção técnica, moral e social no seu meio...<sup>39</sup>

Deveria haver urgência na apuração das denúncias de desvio de verbas na construção da adutora e a Câmara Municipal pedia ao presidente J.K um imediato inquérito administrativo. O mais grave nas denúncias era a constatação de que fatos escabrosos relacionados com a construção da adutora estariam envolvendo figurões da política paraibana. O caso repercutiu na imprensa nacional, sendo destaque na crônica do carioca Rubem Braga, no “Diário de Notícias”, sob o título “O Nordeste vai mal”. Assim ele se expressou sobre o caso:

Ouvi também uma história sobre Campina Grande. O nosso simpático doutor Juscelino ganhou uma estátua naquela cidade porque mandou fazer o serviço de água. Lembro-me que na ocasião achei um exagero isso de uma cidade paraibana fazer uma estátua para o presidente da República porque ele fez isso. Não comentei porque, enfim, a gente não deve ficar chateando o governo. A estátua tinha uma inscrição meio bíblica(coisa do schmidt ?), algo assim “tínhamos sede, deste-nos água”. Tinha e tem, porque a estátua continua. A água é que acabou: queimaram-se vários motores. O pior é que dizem que essas máquinas foram compradas por intermédio de uma certa autoridade, quando havia oferta de outra, da Siemens, mais baratas e melhores. Não posso confirmar nem desmentir: dou a palavra aos paraibanos. O que é certo é que história desse tipo enchem conversas no Nordeste: corrupção, dilapidação, roubalheiras, descaso pelo povo. Enchem as conversas e estão enchendo a paciência das populações – o que é mais grave.<sup>40</sup>

A crônica acima transcrita reflete o pensamento de pessoas de fora do contexto regional que pensavam o problema do abastecimento de água e questões dela decorrentes na cidade de Campina Grande. O caso da adutora não havia sido mencionado pelo cronista visto que segundo ele “a gente não deve ficar chateando o governo”, claramente, satirizando a maneira de tratar dos assuntos da adutora que constituía em contatar o governo “chateando o governo”.

<sup>39</sup> *Diário da Borborema*, 11 de dezembro de 1958.

<sup>40</sup> *Diário da Borborema*, 13 de dezembro de 1958.

Utilizando-se do poder da escrita o cronista comentar de forma bem humorada o costume de cidades pequenas de erigir estátua, como no nosso caso à ereção da estátua em homenagem ao presidente da República que segundo o mesmo constituía “um exagero isso de uma cidade paraibana fazer uma estátua para o presidente da República porque ele fez isso”. .

Por fim, as palavras do cronista remetem a uma prática que acompanha o nordeste por todo o século: a prática da corrupção generalizada. Segundo o historiador Durval Muniz de A. Jr., esta prática é responsável pela criação de uma marca negativa associada aos nordestinos vistos como os que vivem à custa dos recursos vindos dos cofres públicos e da corrupção.<sup>41</sup>

---

<sup>41</sup> Cf. ALBURQUERQUE JR, Durval Muniz de. O preconceito contra o nordestino. IN: Preconceito Contra a Origem Geográfica e de Lugar: As fronteiras da Discórdia. São Paulo: Cortez, 2007, p. 95.



### ***CAPÍTULO III – A SANESA E SUA ÁRDUO TAREFA NO CUIDADO DO ABASTECIMENTO DE ÁGUA DE CAMPINA GRANDE.***

O serviço de abastecimento de água e saneamento regular de Campina Grande constituía-se como assunto relevante para seu desenvolvimento como já pudemos constatar anteriormente. No entanto, seu progresso econômico esteve por muito tempo limitado durante grande parte do século XX pela falta de condições fundamentais, entre estas as de água e saneamento.

Quando foi inaugurado o modelar sistema de abastecimento de água e saneamento em 1939, o mais moderno da América do Sul segundo a crônica da época, pode-se verificar um surto de progresso e urbanização. No entanto, esse surto de crescimento caiu e o rendimento do serviço de água e esgoto declinou. O motivo dessa queda aparece num prospecto da Sanesa publicado em 1959 no qual está escrito que:

...Campina Grande acostumou-se a ver no Serviço de Abastecimento d'água e Saneamento uma dívida do Governo da Paraíba, precisamente a dívida de um ilustre filho desta cidade, o Senador Argemiro de Figueiredo que, em 1939, governava o Estado e foi o principal e quase exclusivo propulsor daquela iniciativa. Desde então nenhum outro campinense voltou a ocupar o Governo do Estado e o serviço de água e esgotos, superado de para outro pelo crescimento da comunidade, não encontrou, apesar das promessas reiteradas nas épocas de eleição e dos apelos do povo ante ao martírio da sede, quem se decidisse fazer inversões necessárias para a sua completa recuperação...<sup>42</sup>

Mais uma vez vêm à tona as questões políticas que envolveram a resolução do problema do abastecimento de água e saneamento de Campina Grande. Estas “picuinhas” políticas fortes entre políticos locais ainda estão na ordem do dia na Paraíba. Além disso, a utilização eleitoral do problema da água e do saneamento de Campina Grande foi forte. O tema da crise no abastecimento de água de Campina Grande era assunto para promessas políticas e quando o período de campanha acabava a crise continuava a mesma e em muitos momentos tendia a piorar. Daí entendermos o forte sentimento de gratidão ao presidente J.K que em seu compromisso solene durante o Encontro dos Bispos do Nordeste prometeu a construção da adutora do Rio Paraíba. Para a imprensa campinense a cidade estava em crise com relação ao abastecimento de água e saneamento devido à inexistência de um governante campinense no executivo estadual.

Convém mencionar que o serviço de abastecimento e saneamento de Campina Grande era centralizado em João Pessoa o que, por sua vez, não conferia uma boa assistência aos

<sup>42</sup> Diário da Borborema, 19 de setembro de 1959.

campinenses. Mas será que mesmo após a inauguração da nova adutora que abasteceria a cidade de Campina Grande e redondezas, a cidade continuaria a depender do Serviço de abastecimento e Saneamento centralizado em João Pessoa? Esta pergunta mereceu séria reflexão e logo ganhou as páginas do jornal.

...Homens de negócios desta cidade, estudiosos de seus problemas, comerciantes e industriais progressistas, que aqui tem investidos grandes somas de seus capitais, acreditam que chegou a hora de Campina Grande tomar em suas próprias mãos a administração do Serviço de Abastecimento D'água e Saneamento, prevenindo situações de calamidade pública, iguais as de 1955 e 1956, e estimulando a criação de novas condições para a expansão do suprimento d'água aos lares e as indústrias e serviços de saneamento da totalidade das habitações urbanas...<sup>43</sup>

Conforme pudemos constatar era necessário que o serviço de abastecimento de água e saneamento de Campina Grande ficasse na responsabilidade de técnicos da cidade. Caso contrário, a cidade se tornaria vulnerável a um abalo no seu crescimento econômico. Esse serviço seria essencial para possibilitar a expansão industrial da cidade. Preveniria também situações mais drásticas como o colapso no abastecimento de água. Os homens de negócios da cidade, comerciantes e industriais que investiam seu capital, tomaram providências no sentido de firmar um sólido sistema de abastecimento de água de Campina Grande assegurando o seu progresso econômico e o de seus idealizadores. Afinal, como esses homens de negócios da cidade podiam contribuir para o seu desenvolvimento sem água?

Foi nesse contexto que foi regulamentada em lei, a de nº. 1.307 de novembro de 1955, a criação de uma Sociedade de Economia Mista para Administrar os Serviços de Abastecimento de água, efetivada em 1º de setembro de 1958 como a primeira Sociedade Mista do Brasil, a Sanesa. A comissão foi composta pelos assessores Edvaldo de Souza do Ó e Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque. A diretoria da Sanesa foi constituída por Fleury Gomes Soares, Veneziano Vital do Rêgo, Lynaldo Cavalcante e Edvaldo Souza do Ó.<sup>44</sup> O capítulo I, artigo 2º. Torna claro o objetivo da Sociedade:

– A Sociedade tem como objetivo principal a prestação de serviços básicos de interesse social, em especial os de abastecimento d'água da cidade de Campina Grande, do Estado da Paraíba, podendo dedicar-se, direta ou indiretamente, a qualquer ramo de indústria ou comércio que favoreça a realização de suas finalidades.<sup>45</sup>

<sup>43</sup> Diário da Borborema, 19 de setembro de 1959.

<sup>44</sup> Cf.: DO Ó. Edvaldo de Souza. Sanesa: história de um bem comum. Campina Grande: Editora Campina Grande, 1982, p. 9-11.

<sup>45</sup> Cf.: DO Ó. Edvaldo de Souza. Sanesa: história de um bem comum. Campina Grande: Editora Campina Grande, 1982, p. 27-33.

No objetivo já constatamos o envolvimento comercial e industrial que a Sociedade poderia ter além de cuidar do serviço de abastecimento de água de Campina Grande. Cabia a Sanesa a função de cuidar dos serviços da Adutora de Vaca Brava e da Adutora de Boqueirão, ampliando seu alcance em Campina Grande. Explícito no objetivo da Sanesa estava o que a população campinense esperava: a prestação de serviços básicos de interesse social quanto ao abastecimento de água.

A responsabilidade da Sanesa perpassava a proteção dos mananciais utilizados na captação de água para a cidade. Cuidaria inclusive do serviço de concessão de água aos proprietários de prédios domiciliários ou industriais. A instalação da água compreendia a ligação de um ramal externo, uma rede de distribuição interna e um aparelho medidor de suprimento de água. Cotas básicas mensais e cobranças de taxas de água ficaram a cargo da Sanesa. Quanto ao serviço de esgotos, caberia a Sanesa elaborar projetos e serviços de extensão de sua rede, compreendendo coletores, estações elevatórias e estações depuradoras. A ligação à rede de esgoto era obrigatória aos prédios que ficavam nas ruas ou logradouros que houvesse coletor.<sup>46</sup>

Criada para regularizar o serviço de abastecimento de água e saneamento de esgotos de Campina Grande, criando condições para a ampliação desses serviços em prol da comunidade campinense e progresso econômico da cidade, a Sanesa encontrou muitas dificuldades em cumprir seu objetivo frente à população campinense e as autoridades que lhe havia delegado a pesada responsabilidade de cuidar desses serviços básicos.

A Companhia enfrentou problemas freqüentes de atos de sabotagem contra a adutora de Boqueirão que ocasionava a interrupção do fornecimento de água para a cidade.

Nada menos de quatro interrupções no fornecimento da Adutora do Boqueirão, que abastece esta cidade, verificaram-se no espaço de dez dias, oriundos de arrombamento da rede de distribuição d'água. A direção da Sanesa, atribuindo o fato a sabotagem provocada por operários do Escritório Saturnino de Brito, que ali trabalham nos serviços complementares da adutora, e que se acham há dez meses sem receber os seus ordenados, endereçou na data de ontem um ofício ao Coronel Severino Dias Novo, Primeiro Delegado especial de polícia, solicitando daquela autoridade um perito afim de investigar os fatos, bem os responsáveis pelos mesmos...<sup>47</sup>

As denúncias de sabotagem eram tratadas como caso de polícia a fim de verificar a autoria dos atos que ocasionavam prejuízos à população atendida pela água da adutora de

---

<sup>46</sup> Cf.: DO Ó. Edvaldo de Souza. *Sanesa: história de um bem comum*. Campina Grande: Editora Campina Grande, 1982, pág. 51-75.

<sup>47</sup> Diário da Borborema, 17 de janeiro de 1960.

Boqueirão. O caso acima transcrito é atribuído a operários insatisfeitos com o não recebimento de seus salários que acabaram por chamar a atenção das autoridades para sua situação sabotando os canos da adutora. Esta é uma das explicações para as sabotagens. Outras sabotagens eram atribuídas a questões de ordem política que extrapolavam o que se passava nos “bastidores” da política paraibana, por parte de alguns que não queriam ver o funcionamento da adutora.

Além do enfrentamento de problemas ligados a sabotagens contra a adutora de Boqueirão, a Sanesa era procurada através da imprensa constantemente para dar explicações quanto à qualidade da água disponível aos campinenses. Muitas reclamações contra a Sanesa tornaram-se públicas e manchavam a credibilidade da empresa. Por exemplo, em matéria publicada no ano de 1960 intitulada “Sobre a água barrenta fornecida a população” podemos vislumbrar o clamor contra a qualidade da água fornecida pelos canos monitorados pela Sanesa.

Nos primeiros dias do inverno que tem caído nas cabeceiras do rio Paraíba, principal tributário do açude de Boqueirão, a população de Campina Grande foi abastecida de uma água de cor barrenta, procedente daquele reservatório. A propósito recebemos, em data de ontem, do engenheiro Lynaldo Cavalcante de Albuquerque, diretor técnico da SANESA, a carta abaixo, na qual são dadas explicações em torno do fato.

Senhor Secretário,

Há alguns dias a população de nossa cidade esteve sendo abastecida de uma água com cor barrenta, fato que, de acordo com informações do Dr. Josemir de Castro, químico e chefe da Secção de Tratamento, tal irregularidade, justifica-se, de início, pelo fato dos filtros não terem sido concluídos por falta de verba necessária do DNOCS e, por outro lado, pela dificuldade com que tem contado a Estação de Tratamento em controlar e purificar, devidamente, o acrescido volume d'água enviado pelo Açude de Boqueirão e riachos tributários do Paraíba a jusante da Barragem; com turbidez aumentada pelas enchentes, bem como em vista de não estar montado ainda o laboratório de análises de Gravatá, razão porque, as amostras de água bruta são analisadas no Alto Branco nesta cidade...<sup>48</sup>

Os dirigentes da Sanesa tinham que frequentemente dar explicações junto à imprensa pelo serviço prestado à população campinense. Dentre as muitas explicações dadas a opinião pública referente a qualidade da água servida estava a conotação política, a velha falta de verba. O dinheiro que faltava era justamente para prover um melhoramento na qualidade da água fornecida construindo os filtros.

As acusações de falta de verbas eram dirigidas ao Escritório Saturnino de Brito e ao DNOCS que travavam com a Sanesa um luta diária, estando no palco dessas discussões seus dirigentes. A imprensa novamente foi o veículo encontrado para a troca de farpas entre esses

<sup>48</sup> Diário da Borborema, 20 de março de 1960.

órgãos. A quase total falta de água levava a imprensa a procurar informações dos dirigentes desses órgãos numa tentativa de encontrar os culpados pelas condições no abastecimento do líquido precioso.

...Aparentemente a culpa da falta d'água é assim das águas do rio Paraíba. Mas, os dirigentes da SANESA, que vem recebendo diariamente centenas de reclamações telefônicas de toda a população, nos explicando em detalhe, que ao Escritório Saturnino de Brito e ao DNOCS, responsáveis ainda pelas obras da Adutora, é que a população de vê dirigir as suas reclamações.

Falta de verbas

Há quase dois anos que a adutora foi parcialmente inaugurada pelo Presidente da República, com a promessa da conclusão de suas obras logo em seguida. A verdade é que o DNOCS e o Escritório Saturnino de Brito ainda não entregaram a Adutora, a serventia pública, estando a mesma em funcionamento a título precário aguardando que certas verbas cheguem para o ataque das obras finais, o que já praticamente se eternizando.

Caprichos Pessoais

A nossa reportagem não conseguiu confirmação dos dirigentes da SANESA, mas cada dia toma mais conta da opinião pública da cidade o murmúrio de que as verbas para a conclusão da adutora não cheguem porque o engenheiro José Candido Pessoa, Diretor geral do DNOCS, está aborrecido com Campina Grande e diz que enquanto for Diretor, os campinenses podem passar sede que ele não moverá uma palha. A confirmar-se tal capricho pessoal do sr. José Candido, um homem que aqui já recebeu homenagens das autoridades públicas e das pessoas mais influentes na comunidade, a situação do nosso abastecimento d'água não é dos melhores, embora reste ainda recurso para o Ministério da Viação e o Presidente da República...<sup>49</sup>

A imprensa aparecia como veículo dos esclarecimentos que envolviam a conclusão da adutora do Boqueirão e sua conseqüente ampliação que dependiam de novos recursos do Orçamento Federal. De fato, as condições quanto ao abastecimento de água de Campina Grande não estavam boas e a matéria acima transcrita nos permitem perceber que a Sanesa era alvo de constantes reclamações da população campinense insatisfeita com o serviço prestado pela empresa mista. Para não haver declínio maior de sua credibilidade face à população campinense a Sanesa procurava se esclarecer através da imprensa e passava a responsabilidade pelos constantes problemas verificados no Escritório Saturnino de Brito e do DNOCS.

As informações sempre paravam na falta de verbas para a execução total da adutora de Boqueirão e o mais alarmante de tudo era a acusação feita ao Escritório Saturnino de Brito e ao DNOCS que estariam segurando os recursos que serviriam à conclusão das obras da adutora. Novamente podemos perceber a menção a caprichos pessoais que estariam atrapalhando a conclusão das obras da adutora. Enquanto a população campinense sofria com

<sup>49</sup> Diário da Borborema, 9 de abril de 1960.

a baixa qualidade da água fornecida pela adutora de Boqueirão e ansiava ver completado e ampliado o sistema de abastecimento e saneamento da cidade para que dias melhores viessem, autoridades públicas “arengavam”. Acusações como essas eram frequentes e esquentavam o ambiente político que permeava a conclusão das obras da adutora de Boqueirão com uns jogando a culpa pelo deficiente provimento de água para outros. Os recursos apareciam nas contas dos órgãos responsáveis pela conclusão da adutora, mas demoravam a ser aplicado no seu objetivo: a conclusão e ampliação da adutora de Boqueirão.

Os dirigentes da Sanesa barganhavam apoio e recursos a fim de prover a resolução de caráter definitivo do problema no abastecimento de água e saneamento de Campina Grande. A Sanesa havia ficado responsável pelo fornecimento de água a Campina Grande e redondezas mesmo sem a conclusão da adutora do Boqueirão e estava lidando com freqüentes panes que intranqüilizavam a população campinense. Diante dessas condições, os dirigentes do DNOCS viam na Sanesa a possibilidade de conclusão das obras da adutora de Boqueirão, algo recusado de forma veemente pelos dirigentes da Sanesa, como se verifica no seguinte trecho:

...Como é natural, a SANESA vem se recusando a receber do DNOCS as obras daquela adutora, cuja conclusão está ainda a exigir grandes somas em dinheiro, que a Empresa Campinense não tem condições de enfrentar, e mesmo porque não é justo que lhe toque descascar o abacaxi. No Orçamento Federal do ano passado (1960) foram consignados 30 milhões de cruzeiros para a conclusão das obras da adutora do Boqueirão. De tal importância, 12 milhões foram recebidos e o restante caiu em restos a pagar. Com os 15 milhões recebidos, o Escritório Saturnino de Brito se pagou cerca de 8 milhões referentes a salários de operários e materiais adquiridos ainda para a construção da Adutora...<sup>50</sup>

A Sanesa não queria, de fato, aumentar suas responsabilidades com Campina Grande tendo que arcar com a conclusão das obras da adutora por não ter suporte para isso. Deveras, a conclusão das obras da adutora e sua conseqüente ampliação constituíam-se como um grande abacaxi junto de uma grande dor de cabeça. Enquanto ninguém queria “descascar o abacaxi” da conclusão das obras da adutora, a população campinense sentia seu suplício pela falta de água continuar sem solução. Parece-nos que dinheiro não faltava, mas sobrava incompetência por parte dos responsáveis pela conclusão das obras da Adutora do Boqueirão. Dinheiro vinha, mas nada de água abundante.

Apesar dos constantes obstáculos que tinha de enfrentar, os dirigentes da Sanesa buscavam apoio para que houvesse a conclusão das obras da adutora e para que o serviço de

---

<sup>50</sup> Diário da Borborema, 25 de janeiro de 1961, pág. 8.

abastecimento de água e saneamento de Campina Grande tivesse dias melhores. Como o apoio do DNOCS não era possível, a Sanesa procurava manter outros contatos.

...Apelos sem conta tem sido feitos pela SANESA, pela Associação Comercial, pela Diocese Campinense, pela Federação das Indústrias e outras entidades, visando a regularização dos serviços da Adutora do Boqueirão. Preocupados com outros serviços, em outras regiões, tanto o DNOCS quanto a própria Presidência da República nada tem feito para remediar a situação. Em reunião da sua Diretoria, na última semana, a SANESA decidiu apelar para a SUDENE ... solicitando o seu empenho em favor de um dos maiores e mais recentes empreendimentos do Governo federal, no Nordeste, já entretanto, a beira do colapso...<sup>51</sup>

A parceria da Sanesa com a Sudene nasceu da necessidade de dar uma solução em longo prazo e de caráter definitivo aos problemas no abastecimento de água de Campina Grande. Nesta tentativa de buscar apoio da Sudene em prol da conclusão das obras da adutora de Boqueirão se uniram os segmentos sociais mais interessados na resolução do problema. Na iminência de não ter o apoio de órgãos como o DNOCS e nem apoio integral da Presidência da República fazia-se urgente mais suspiro: procurar a ajuda da Sudene. A Sanesa chegou a propor a participação da Sudene em seu capital social devidamente aprovado pelo Governo do Estado da Paraíba e atendendo a sugestão do Ministro de Viação e Obras Públicas e do DNOCS.<sup>52</sup>

Ao procurar as parcerias para a conclusão das obras da adutora e possibilitar um melhor abastecimento de água a Campina Grande, a Sanesa estabelecia as obras que eram consideradas de caráter urgente.

...Entre outras obras da adutora, ainda por concluir, são consideradas urgentíssimas as seguintes, indispensáveis a fim de assegurar regularidade e eficiência a operação do serviço de água e esgotos sanitários de campina Grande:

- 1) Substituição de 4.500 isoladores na linha elétrica que liga a energia da CHESF as usinas de Gravatá e Vereda Grande.
- 2) Aquisição de 250 postes de concreto, com 12 metros e 500 quilos, para substituição de estruturas apodrecidas.
- 3) Conclusão da Estação de Tratamento, com montagem dos filtros, decantadores e cloradores.

Essas obras tem o seu custo avaliado em cerca de 20 milhões de cruzeiros e são da exclusiva responsabilidade do Governo Federal, uma vez que se trata da conclusão de trabalhos já dados como inaugurados pelo DNOCS, mas não entregues ainda a administração da SANESA...<sup>53</sup>

<sup>51</sup> Diário da Borborema, 25 de janeiro de 1961, pág. 8.

<sup>52</sup> Cf.: DO Ó. Edvaldo de Souza. Sanesa: história de um bem comum. Campina Grande: Editora Campina Grande, 1982, pág. 100.

<sup>53</sup> Diário da Borborema, 25 de janeiro de 1961, pág. 8.

As obras que restavam para a conclusão da adutora de Boqueirão ainda eram muitas mesmo após sua inauguração, demonstrando, desse modo, a precariedade da distribuição de água a Campina Grande. As obras de caráter urgente dependiam de vultosos investimentos com um agravante a mais: as obras eram dadas como concluídas pelo DNOCS. A responsabilidade era novamente atribuída ao Governo Federal. Dessa forma, os dirigentes da Sanesa deixavam clara a intenção apenas de cuidar do sistema de abastecimento de água e saneamento e não se lançaria a concluir as obras da adutora. Logo percebemos que a inauguração da adutora de Boqueirão não representou grandes avanços na qualidade da água fornecida a população campinense e que um completo e digno sistema de abastecimento de água dependiam de vários fatores, a começar de verbas federais que demoravam a chegar.

Um outro passo importante dado pela Sanesa no sentido de proporcionar uma melhor qualidade da água fornecida aos campinenses foi à busca de um empréstimo junto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) que se tornou real no ano de 1962 conforme abaixo verificamos:

Em telegrama ontem recebido pela SANESA, o Diretor do BID, sr. Cleonho de Paiva Leite, comunicou haver a Diretoria daquele Estabelecimento de Crédito Internacional concedido empréstimo para o aumento da capacidade do abastecimento d'água de Campina Grande, conforme apresentado no início do corrente ano. O total da operação creditícia, que foi realizada em globo, abrangendo seis cidades nordestinas com problema de água e esgotos, será de 12 milhões e 900 mil dólares dos quais caberão a Campina Grande 2 milhões e 161 mil dólares... No telegrama dirigido a SANESA, o sr. Cleonho de Paiva Leite, que é nosso conterrâneo, eleito Diretor do BID com o apoio de todos os países americanos, salienta que a operação "contribuirá decisivamente para o progresso econômico e Campina Grande..."<sup>54</sup>

As notícias da concessão do empréstimo por parte do BID para a execução do projeto de conclusão e ampliação do serviço de abastecimento de água de Campina Grande animaram a opinião pública campinense. O investimento permitia realizar as obras do serviço de água de Campina Grande necessária a distribuição do volume aduzido pelas adutoras de Boqueirão e Vaca Brava aumentando sua capacidade. No projeto ainda estava prevista a extensão de novas redes de água que cobririam a área não abastecida, atingindo os bairros mais distantes. Sua execução completa esteve prevista para três anos e meio.

Algo nos chama a atenção no trecho acima transcrito acerca da informação de que seis cidades nordestinas passavam pelos mesmos problemas que Campina Grande no tocante ao abastecimento de água e tratamento dos esgotos. O BID assinaria contratos para tais serviços

---

<sup>54</sup> Diário da Borborema, 7 de abril de 1962.



de melhoramento na capacidade de água nas cidades de: Maceió, Recife, Natal, Teresina, São Luís e, claro, Campina Grande. Lá estava Campina no meio de grandes capitais nordestinas, o que demonstra que não só Campina Grande passava por problemas no abastecimento de água.

O financiamento com o BID pelo que parece teve grande força a partir do momento em que um Diretor do era um conterrâneo dos paraibanos, levando novamente a idéia de que a resolução do problema no abastecimento de água de Campina Grande estava à mercê da boa vontade de alguns filhos da terra. Como conterrâneo, percebia que o empréstimo estaria contribuindo para o progresso econômico da cidade.

Alguns meses depois de ter sido concedido o empréstimo por parte do BID a Sanesa para o melhoramento da capacidade de distribuição de água de Campina Grande a situação não estava muito boa com relação ao abastecimento de água.

...abastecimento de emergência – O Presidente da SANESA, o industrial Fleury Soares, e o engenheiro Lynaldo Cavalcante, Diretor técnico da mesma empresa, mantiveram ontem vários entendimentos sobre a crise do abastecimento d'água, encaminhando providencias a respeito. Se até hoje a tarde não tiver sido possível restabelecer a normalidade do suprimento da Adutora de Boqueirão, a SANESA iniciará imediatamente um abastecimento de emergência aos hospitais e casas de saúde, de acordo com os planos já traçados... A população mantém-se calma em face das providencias adotadas, aguardando confiante os seus resultados...<sup>55</sup>

Parece-nos que a crise no abastecimento de água de Campina Grande não tinha fim e que as previsões futuras não eram as melhores. No ano em que se pensava ter havido um alento na opinião pública campinense com a concessão do empréstimo pelo BID, a Sanesa tinha que fazer um abastecimento de emergência em locais estratégicos da cidade, como em hospitais. A população aflita se via de novo diante do caos da falta de água. A situação parecia sair ao controle da Sanesa.

Enquanto o empréstimo feito junto ao BID não saía a Sanesa tinha que constantemente dar explicações à população campinense sobre as freqüentes paralisações no fornecimento da minguada água advinda da adutora de Boqueirão. Isto era feito através de notas oficiais publicadas no jornal Diário da Borborema como a seguinte:

...Depois de vários dias e noites de trabalho ininterrupto, as turmas de serviço da SANESA, com a cooperação do DNOCS, do Batalhão de Serviços de Engenharia e da

<sup>55</sup> Diário da Borborema, 19 de outubro de 1962.

CHESF, especialmente desta última, conseguiram restabelecer a normalidade do suprimento de água da Adutora de Boqueirão que entrara em recesso há cerca de 12 dias... Ao formular esta comunicação ao público, a SANESA, sente-se no dever de informar com detalhes o fato que ocorre com o Serviço de Água de Campina Grande, projetado para uma população de 30 mil pessoas e ora abastecendo mais 130 mil pessoas, sem, todavia, se terem realizado, para sua expansão, os investimentos necessários. A SANESA está desiludida de apelar para o Poder Público a fim de realizar aqueles investimentos, que somam mais de 500 milhões de cruzeiros e sem os quais Campina Grande jamais terá um Serviço de Água a altura de seu progresso e das necessidades de sua população. Tentou um empréstimo junto ao Banco Inter-americano, mas, apesar de já aprovado, nada recebeu até agora, mesmo com todo o empenho tomado. Lembramos que, em 1958, quando a Adutora de Boqueirão foi construída, havia fartos recursos federais e teria sido fácil ao DNOCS ter feito todos os investimentos naquela época. Mas, a verdade é que só agora estão terminando obras essenciais, como as Estações de Filtros e de Suavização e todo o sistema elétrico ficou inconcluso, apresentado defeitos que vêm se agravando e se amudando de então para cá...<sup>56</sup>

As notas oficiais emergiam na imprensa como desabafos da Sanesa diante da inoperância do serviço de abastecimento de água de Campina Grande. Apareciam com uma tentativa de explicar aos poderes públicos o que estava acontecendo com o fornecimento de água de Campina Grande e acalmar os ânimos da população campinense que sofria com a má distribuição do líquido precioso. Nelas se procurava mostrar que a falta de recursos era o principal obstáculo à conclusão d obra. Também se podia entender o quanto estava longe o fim das obras da adutora de Boqueirão visto a adutora não ser mais compatível em 1962 com o número de habitantes da cidade. A demora na concessão do empréstimo feito junto ao BID aumentava o clamor dos homens de letras da cidade e representantes das elites campinenses desejava de ver tal problema solucionado.

Além da pareceria estabelecida com o BID a Sanesa buscou entendimentos com a Usaid/Brasil (“Aliança para o progresso”) no ano de 1963 por intermédio do “Lion’s Club de Campina Grande” visando à substituição dos postes restantes e isoladores defeituosos que estavam funcionando com sucessivas panes. Entretanto, esse entendimento não se mostrou favorável a Usaid/Brasil.<sup>57</sup> A cada ano a Sanesa buscava parcerias a fim de ter condições de prestar um melhor serviço de distribuição de água.

Os dirigentes da Sanesa pareciam estar começando o ano de 1963 empenhados na conclusão das obras da adutora de Boqueirão a fim de possibilitar sua expansão para a população campinense. No mês de janeiro a Sanesa apressava-se em elaborar projetos que

<sup>56</sup> Diário da Borborema, 23 de outubro de 1962.

<sup>57</sup> Cf.: DO Ó. Edvaldo de Souza. Sanesa: história de um bem comum. Campina Grande: Editora Campina Grande, 1982, pág. 129.

melhorassem a qualidade da água fornecida a Campina Grande. Em matéria intitulada de “Últimos testes, ontem, na “permutite” da SANESA em Gravatá” podemos ver o esforço de melhorar a qualidade da água fornecida.

A nossa reportagem deslocou-se, ontem, até Gravatá, onde estão sendo realizados os últimos testes na “Permutite” da SANESA, destinada a suavização da água de Boqueirão, importante melhoramento a ser inaugurado dentro de próximos dias, no abastecimento D’água da cidade...

**Aparelhagem importada**

A “Permutite” compõe-se de 6 balões de tratamento d’água, cada um com capacidade para 30 litros por segundo, todos automáticos, acionados por motores elétricos. Importada dos Estados Unidos, representa a última palavra da técnica moderna em redução de dureza das águas potáveis. Depois de decantada e filtrada e do tratamento contra bactérias, a água será agora submetida ao processo de “Suavização” a fim de ser entregue no consumo público, o que mostra a importância do novo serviço... A água entra na Estação Suavizadora com 180 de dureza e sai com apenas 3, mediante continuadas injeções de salmoura e a troca dos íons de cálcio e sódio, operados automaticamente, através do engenhoso mecanismo...

**Melhoramento da água**

A água de Boqueirão é considerada de “mau gosto” pela sua alta dureza, dando a população da cidade preferência a água de Vaca Brava, de muito melhor sabor e cristalinidade. Com a inauguração da “Permutite”, água das duas adutoras que servem Campina Grande não terá mais diferença entre si, ficando em ambos os sistemas com dureza entre 48 e 60. Para se ter uma idéia do melhoramento esperado para água de Boqueirão, basta salientar que sua dureza atual é de 189, devendo cair, depois do funcionamento da Estação Suavizadora, para menos de 60. A reportagem deste jornal visitou, demoradamente, as novas instalações da SANESA, voltando-se de Gravatá convencida de que a população campinense, ainda este mês, começará a experimentar os reais benefícios do novo tratamento d’água, já na fase final das experiências.<sup>58</sup>

Apesar das constantes reclamações dirigidas à Sanesa, a empresa perseguia melhoramentos no fornecimento de água a Campina Grande e, assim, como o jornal esteve atento às reclamações, expôs as tentativas da Sanesa de proporcionar melhorias no abastecimento de água da cidade. A aparelhagem acima citada proporcionaria melhorias na distribuição de água potável a população campinense e é interessante percebermos a forma como ela é recebida: representava a última palavra da técnica moderna em redução de dureza das águas potáveis. A Sanesa queria passar essa idéia de que os investimentos feitos em Campina Grande para uma melhor qualidade da água eram grandes e que as técnicas e instrumentos utilizados eram os mais modernos que existiam. Fazia-se questão de mencionar que tal aparelhagem vinha dos Estados Unidos.

Há também a necessidade de deixar a opinião pública bem informada sobre os benefícios que os novos aparelhos empregados no abastecimento de água proporcionariam. A

<sup>58</sup> Diário da Borborema, 16 de janeiro de 1963.

água fornecida teria maior qualidade porque passaria por um processo de suavização. Alarmante é percebermos que os níveis de dureza da água fornecida pela adutora de Boqueirão eram muito altos mostrando o risco que a população sofria ao bebê-la e que somente após a introdução de novos aparelhos é que o teor de dureza baixaria. Por esse motivo a população campinense dava preferência à água fornecida pela adutora de Vaca Brava ao invés da de Boqueirão tida como de “mau gosto”. Daí podemos perceber o quanto os campinenses sofriam com a baixa qualidade da água e estavam vulneráveis a doenças e problemas maiores. Parece que o ano de 1963 traria melhorias nesse aspecto primordial

Os dirigentes da Sanesa procuravam melhorar a qualidade da água servida aos campinenses e providenciaram equipamentos que possibilitassem essa melhora. Todavia, outra questão vital continuou a acompanhar a Sanesa no decorrer da década de 1960: a ampliação do abastecimento de água e do saneamento de Campina Grande. Ter água potável era ideal, mas também era importante torná-la disponível ao maior número de campinenses, senão a todos. Justamente nesse ponto é que se discutia mais a credibilidade da Sanesa e dos serviços prestados por ela a Campina Grande. Esses questionamentos fizeram surgir outros acerca do futuro da Sanesa e do sistema de abastecimento de água e saneamento de Campina Grande.

A Sanesa, como experiência de empresa mista, organizada e dirigida nos moldes de um empreendimento particular, é, sem nenhuma dúvida, um êxito, no que diz respeito a um serviço de natureza pública. Mas é preciso confessar que a SANESA, do ponto de vista das realizações programadas, para que Campina Grande viesse a contar com um serviço d'água e esgoto a altura do seu desenvolvimento e como garantia para o seu futuro, não se pode considerar como causa perfeita... Nossa impressão é a de que somente com a transferência da SANESA para a SUDENE, assunto de que já temos tratado em outras oportunidades, é que Campina Grande poderá vir a ter, mesmo remotamente, serviços bem organizados e eficientes de água e esgotos...<sup>59</sup>

A pressão sofrida pela Sanesa em virtude da qualidade dos serviços prestados por ela a sociedade campinense era grande e com o passar dos dias tendia a aumentar. A matéria acima transcrita pretende revelar um fracasso da Sanesa quanto ao cumprimento de suas obrigações face a opinião pública campinense e atesta o desejo de muitos de ver a Sudene a frente dos serviços de água e esgoto de Campina Grande. A matéria acima pressiona ainda mais a Sanesa, parece que quer movê-la a agir diante da precariedade dos serviços de água e esgoto ou se entregar e desistir. Havia a esperança de ver o sistema de abastecimento de água e esgoto

---

<sup>59</sup> Diário da Borborema, 04 de maio de 1963.

de Campina Grande condizente com seu desenvolvimento, mesmo que isso demorasse a acontecer.

A Sanesa por outro lado procurava de todos os meios mostrar que ainda podia ser capaz de cuidar do sistema de abastecimento de água e esgoto da cidade. Dentre os objetivos delineados pela Sanesa estava o de ampliar a capacidade no abastecimento de água e de saneamento da cidade, um velho alvo ainda não atingindo mesmo após a inauguração da adutora de Boqueirão que, funcionando paralelamente a adutora de Vaca Brava, não conseguia suprir a demanda habitacional de Campina Grande, merecendo reparos imediatos. Em 1965, isso ficou evidente na publicação de uma matéria jornalística que tratava da ampliação da rede de distribuição de água.

Tiveram início a dois do corrente, os serviços de ampliação e extensão de rede d'água da cidade, com a abertura de valas e assentamento de tubos em ferro fundido, numa extensão aproximada de 45 mil metros...<sup>60</sup>

Apesar das constantes críticas sofridas, a Sanesa procurou cumprir com seus objetivos no tocante a ampliação da rede de distribuição de água e esgotos de Campina Grande. A iniciativa acima transcrita nos mostra uma Sanesa disposta a resolver a crise no sistema de abastecimento de água de Campina Grande, que beirava o colapso. Não podemos deixar para trás o papel que exerceu a Sanesa no contexto de resolução desse problema que segurava os freios da industrialização campinense, apesar de ser alvo de constantes críticas, sabotagens, politicagens, etc. A Sanesa desempenhou papel importante no desenrolar das tramas que cercaram a crise da água em Campina Grande. Muitos campinenses a odiaram e outros tantos a aplaudiram.

---

<sup>60</sup> Diário da Borborema, 8 de agosto de 1965).

#### ***CAPÍTULO IV: REPRESENTAÇÕES LETRADAS SOBRE A FALTA DE ÁGUA EM CAMPINA GRANDE.***

Enquanto no plano político e econômico as discussões prosseguiram em torno da construção de uma adutora que resolvesse o problema no abastecimento de água a fim de promover um aceleração da industrialização na cidade, a comunidade campinense clamava por socorro. Mesmo após a inauguração da adutora de Boqueirão se fazia necessário a ampliação da rede de distribuição de água e saneamento básico da cidade e a busca dessa ampliação era aguardada com expectativa por grande parte da sociedade campinense, uma sociedade que vivia a agonia da falta de uma água potável em suas casa mesmo após a construção da nova adutora que aparecia como sendo a responsável por acabar com a sede da população da cidade.

Os desdobramentos sociais dessa trama merecem atenção por envolver todos os grupos sociais da cidade: de um lado os mais interessados em dotar Campina Grande de um sistema de abastecimento de água e saneamento básico capaz de propiciar seu progresso econômico e, do outro lado, a maioria desejosa de água potável para beber e satisfazer suas necessidades básicas no dia-a-dia.

O jornal *Diário da Borborema* dava atenção especial a tudo o que dissesse respeito ao andamento das obras de abastecimento de água de Campina Grande por ser um assunto de interesse da opinião pública campinense. Considerava esta como sendo o problema mais urgente. Além dos desdobramentos políticos e econômicos por trás da resolução desse problema, os homens de letras da cidade deram alguma atenção a como a comunidade campinense esteve envolvida nas questões que versavam sobre o abastecimento de água e saneamento básico de sua cidade. No ano de 1957, exatamente um ano antes da inauguração da adutora de Boqueirão, o cotidiano dos campinenses sem água potável suficiente para suas necessidades básicas era enfatizado da seguinte forma:

...A procissão de latas todo dia em busca dos chafarizes não é apenas um espetáculo doloroso. Ela representa um desperdício de tempo que não se pode avaliar com a devida justeza. A maior parte da população pobre de Campina Grande tem na procura de um pouco d'água para suas necessidades domésticas o maior tormento de seus ufanos dias de labuta. Antes de irem ao trabalho, centenas de chefes de família levantam-se de madrugada para trazer água para casa. Quando tem filhos que possam encarregar-se dessa diária e penosa tarefa, são estes que, antes de irem as aulas, abastecem o lar do indispensável líquido...<sup>61</sup>

<sup>61</sup> Diário da Borborema, 10 de outubro de 1957.

A matéria acima transcrita permite-nos perceber como a população campinense, principalmente a mais pobre da cidade, teve seu cotidiano modificado por causa da falta de água, levando-as a ter que sair em uma verdadeira procissão de latas em direção aos chafarizes a fim de obter água para suas necessidades domésticas. Algo mais chama atenção dos homens de letras que escreviam sobre a o drama nesse deslocamento rumo aos chafarizes: a perda de tempo dos populares campinenses em busca de água. De fato, a rotina dos populares campinenses era dolorosa e acarretava uma mudança de hábitos ou mesmo um rearranjo no cotidiano em busca do líquido precioso. Segundo a matéria acima transcrita, a labuta começava logo cedo e envolvia desde chefes de família até crianças no transporte da água para os lares a fim de garantir o líquido precioso para as necessidades do dia. Isso nos permite imaginar como o cotidiano dos dependentes desse deslocamento em busca de água potável era sofrido a ponto de merecer esclarecimentos.

No tocante as representações feitas dos campinenses com relação à falta de água, os homens de letras buscavam alertar a população divulgando e disciplinando que atitudes agravariam, ou não, a situação da falta de água. A população precisaria se adaptar às mudanças que os letrados sugeriam por meio dos seus escritos:

Um crime lavar automóveis com as gotas d'água que pingam das torneiras- O nosso problema atual é o de fazer economia do líquido precioso<sup>62</sup>

O pequeno recorte acima revela-nos uma preocupação com o ordenamento de certas atitudes que aumentariam o drama da falta de água potável. Em tempos de crise no abastecimento de água em Campina Grande era necessário moldar comportamentos prejudiciais à economia do líquido precioso a fim de garantir sua existência por longos períodos. Não se poderia permitir que a escassa água fosse utilizada para outros meios como: lavar automóveis. Antes, era necessário assegurá-la para o consumo diário.

Desse modo, era necessária uma adequação por parte da população às mudanças para que não houvesse um colapso geral no fornecimento de água enquanto a adutora não ficava pronta:

Mais alguns dias e a população deverá secar por completo em suas torneiras a minguada ração que a Barragem Vaca Brava distribui com parcimônia para a cidade<sup>63</sup>

<sup>62</sup> Diário da Borborema, 13 de novembro de 1957.

<sup>63</sup> Diário da Borborema, 13 de novembro de 1957.

Os homens de letras apelavam para o bom senso na hora de consumir o líquido precioso. Fazia-se questão de mencionar a situação do abastecimento de água da cidade e dos riscos envolvidos quando o desperdício era grande. Os homens de letras representavam a população como que carregando a culpa pelo iminente colapso que cercava a cidade naquele momento e por isso era necessário tomar medidas urgentes a fim de evitar o colapso total:

Racionamento. Diante de tal emergência, a população da cidade deve tomar a si a iniciativa de economizar o mais possível o precioso líquido, prevenindo-se desta maneira os dias futuros.<sup>64</sup>

O apelo ao bom senso da população se fazia necessário para evitar o colapso no abastecimento de água e as matérias jornalísticas, vez por outra, valiam-se desse recurso apelativo a fim de garantir dias melhores, enquanto não havia uma solução definitiva para o problema do abastecimento de água na cidade de Campina Grande. Cada um precisava vigiar a si mesmo. Deveria viver racionalmente com o pouco de água que tinham a disposição. Caso contrário estaria a cidade e sua população vulnerável a viver em permanente crise no seu abastecimento de água.

Um outro aspecto que atesta os desdobramentos sociais advindos da tentativa de resolução do problema no abastecimento de água de Campina Grande tem a ver com a atuação de populares como operários que trabalhavam na obra de construção da nova adutora e eram totalmente esquecidos na hora de receber seus salários.

O jornal *Diário da Borborema* publicou algumas matérias sobre operários que haviam trabalhado na construção da adutora de Boqueirão e que não estavam sendo pagos por tal serviço. Em julho de 1958 chegou à redação do jornal uma reclamação partida do operário Manoel Gomes de Sena a qual mereceu tamanha atenção que acabou nas páginas do jornal.

Pela segunda vez somos procurados aqui em nossa redação por operários das obras da adutora do Boqueirão, que vem fazer queixas contra os dirigentes daqueles serviços, que não estão querendo pagar os seus salários. Da primeira vez aqui esteve um velhinho que trabalhou no fornecimento de pedras para as obras da adutora, e que somente depois do contacto mantido pela reportagem da Rádio Borborema e da divulgação do fato por aquela emissora, foram pagos os seus salários. Ontem a tarde esteve na redação deste matutino o operário Manoel Gomes de Sena... que nos fez reclamações idêntica...<sup>65</sup>

---

<sup>64</sup> Diário da Borborema, 13 de novembro de 1957.

<sup>65</sup> Diário da Borborema, 9 de julho de 1958.



A ida de operários à redação do *Diário da Borborema* permite-nos pensar acerca da confiança que estes tinham de ver suas “pendengas” resolvidas através da divulgação feita pelo jornal. E, mais uma vez, as obras da adutora estão envolvidas com falta de recursos. Além disso, percebemos o quanto os operários eram marginalizados em não ter os seus salários recebidos de forma integral gerando, por sua vez, certas revoltas entre estes que se viam na obrigação de tornar pública sua insatisfação.

Ao passo que essas queixas tornavam-se públicas logo era resolvido para não distorcer a opinião pública sobre o “bom” andamento das obras da adutora de Boqueirão. O caso acima referido foi resolvido no dia seguinte, como os demais que já haviam aparecido, pelo DNOCS incumbido do depósito do dinheiro dos operários.

Todavia, uma crônica escrita no ano de 1960 não deixa dúvidas quanto ao atraso dos salários dos operários que participaram da construção da adutora e que participavam nas obras de ampliação da mesma, que se tratava de um problema persistente. Essa situação deixava as famílias dos operários em dificuldades e causava certo mal estar na opinião pública. A crônica de Epitácio Soares intitulada “Os operários da adutora” assim dizia:

Em novembro de 1959, convidado pelo químico Josemir de Castro, fiz uma reportagem sobre a situação dos trabalhadores da adutora do Boqueirão, que estavam aquela época atrasados há mais de seis meses no recebimento dos seus salários. A reportagem publicada em manchete de oitava página, causou certa inquietação nos meios oficiais e oficiosos da cidade, que se movimentaram em direção ao Rio de Janeiro para resolver o problema junto ao Presidente Juscelino Kubitschek. Lembro-me que o industrial Alvin Pimentel deu várias viagens para conseguir a liberação das verbas destinadas as obras da adutora. Dom Otávio Aguiar foi a Brasília, onde falou pessoalmente com o presidente da República e com o engenheiro José Candido Pessoa, reclamando justiça para os pobres operários, há tantos meses sem receber um tostão dos seus pingue ordenados. Porém como o poema de Carlos Drummond de Andrade há uma pedra no meio do caminho das verbas federais, impedindo que esse problema seja solucionado. As verbas são liberadas na Capital da República, porém, ficam retidas no Banco do Brasil de Campina Grande, enquanto as famílias dos trabalhadores vão sendo esgotadas pela fome. De quem a responsabilidade de tudo isso? Era o que desejaríamos saber; infelizmente no Brasil dos nossos dias essas coisas acontecem, mas os responsáveis não aparecem, volatizam-se nos arranjos da política, para não serem pilhados com a boca na botija. Foi por isso que o povo brasileiro votou em Jânio Quadros no dia 3 de outubro, por estar cansado de ser iludido; por não querer mais continuar sendo enganado...<sup>66</sup>

A insatisfação parece que tomou conta de diversas esferas sociais por causa das denúncias acerca do atraso nos salários dos operários da adutora. Promoveu certa inquietação

<sup>66</sup> *Diário da Borborema*, 20 de outubro de 1960.

no meio político da cidade e deixou enfurecida parte da imprensa, como é o caso do cronista Epitácio Soares que não mede palavras ao denunciar um ataque à dignidade dos trabalhadores. Até o antes exaltado JK sofre com as palavras do cronista queixoso com relação à situação dos operários da adutora que estavam sem receber os seus salários.

JK carregava a culpa pela incompetência dos responsáveis na Paraíba pelo andamento das obras de ampliação do sistema de abastecimento de água de Campina Grande. Sua figura estava sendo condenada pela opinião pública da cidade. Além disso, o cronista reclama do atraso do envio de verbas que serviriam para saldar as dívidas com os operários e também para as obras de ampliação do sistema adutor de Boqueirão. Num tom poético o cronista aponta esse atraso no envio das verbas como o grande responsável pela não resolução do problema da falta de água potável para a cidade. Essa demora, por sua vez, aumentava o suplício dos diretamente afetados pela má qualidade da água distribuída pela adutora de Boqueirão. Para o cronista, a população podia mudar essa situação de desmandos políticos com o exercício do voto. A crença nos políticos dependia dos resultados imediatos aos anseios do povo. Quando isso demorava a acontecer logo eles eram tidos como os responsáveis pelas condições adversas.

A fotografia abaixo pretende ilustrar a insatisfação dos operários tendo que recorrer à imprensa em busca de seus salários. Eram vítimas das manobras políticas.



Estes homens há dezessete meses não recebem seus salários-  
Operários das obras da adutora  
do Boqueirão em companhia de Dom Otávio Aguiar  
visitaram na tarde de ontem a redação do “Diário”  
para solicitarem o apoio deste matutino na campanha  
em prol dos seus salários atrasados há dezessete meses.  
Na foto, o Sr. Bispo diocesano e nosso companheiro  
Epitácio Soares, secretário desta folha.<sup>67</sup>

Ainda outro grupo que também sofria com os desmandos políticos que cercavam a crise no abastecimento de água de Campina Grande era o dos chafarizeiros que trabalhavam junto a Secretaria de Viação e Obras Públicas. Na matéria intitulada “Passam fome os chafarizeiros encostados à Secretaria de Viação e Obras Públicas” podemos compreender a angústia sofrida por esses trabalhadores:

Estarrecedora é a situação atual porque passam os funcionários estaduais, encostados a residência local da Secretaria de Viação e Obras Públicas, os quais exercem as funções de chafarizeiros, encontrando-se com mais cinco meses de atraso no recebimento de seus vencimentos. Em ligeiro contato que a reportagem manteve, a tarde de ontem, com alguns desses servidores, pode sentir o estado de miséria que os domina, não dispendo mais sequer do crédito que lhes era confiado pelos merceiros da cidade, o que, conseqüentemente, os obriga a mendigar o pão para seus filhos, sem se prever as restantes necessidades para a manutenção de seus lares... O esgotamento físico desses míseros

<sup>67</sup> Diário da Borborema, 19 de outubro de 1960.

servidores do Estado é tão elevado, que o repórter teve oportunidade de ver alguns deles, no terraço da casa onde funciona a Residência da Secretaria d Viação, deitados sem forças nem ânimo mais para o trabalho...<sup>68</sup>

A situação acima enfatizada pelo *Diário da Borborema* reflete o caos social provocado pelo atraso nos salários dos chafarizeiros. Há, de fato, um tom bastante apelativo na matéria ao tratar das condições dos chafarizeiros sem salário e de como até o pequeno comércio que atendia a estes era afetado. A vida comercial da cidade, do pequeno ao grande comerciante, era afetada pelo atraso dos salários desses trabalhadores uma vez que a circulação do dinheiro não acontecia.

Os que prestavam algum tipo de serviço objetivando a resolução da crise no abastecimento de água de Campina Grande trabalhavam exaustivamente e muitas vezes não recebiam seu minguido salário. Privados de água potável e de seus salários esses homens tinham que mendigar pão para suas famílias. Isto por si só provocava um considerável desgaste social enorme.

Além dos operários insatisfeitos pelo atraso em seus salários, os homens de letras representaram a população campinense, principalmente a mais pobre, como não podendo dormir tranqüila e acordar sossegada com água filtrada mesmo após a construção da adutora de Boqueirão. Numa crônica do ano de 1963 Niultildes Vieira se expressou sobre a população de Campina Grande e o suprimento de água:

O povo continua sofrendo a falta de água. Em vários setores da cidade permanece a falta do líquido e a gente pobre, eterna vítima de todas as crises, despeja-se pelas ruas a esmolar um pouco de água para beber e cosinhar. Isto deveria tocar a sensibilidade dos que tem os ombros a tremenda responsabilidade do abastecimento água da cidade. Jogar com a paciência do povo sofredor é algo perigoso. Quando Queimadas viu-se privada da água que fertilizava as suas terras, por deliberação da SANESA, foi preciso conter ao queimadense na sua marcha, justa, mas desatinada, em direção as tubulações que ligavam Gravatá a Campina Grande. Seria a represália contra o serviço público. E a atitude daquele povo seria justificável, pois a tolerância tem um limite, e esse é mínimo nos casos em que se faz presente o sofrimento físico. Se aqui, até o presente não houve incidentes, apesar de a pobreza está sendo massacrada pela falta água, deve-se ao esforço empreendido no sentido de conter os grupos que se alevantam excessivamente exaltados, prontos para qualquer investida. Mas é preciso ter-se em conta o fato de que isto talvez não seja conseguido por vezes indeterminadas. Continuando a escassez da água, ninguém prevê os acontecimentos. Um povo sedento despe-se de tudo quanto representa cortezia, de tudo que traduz etiqueta, e vira bicho, verdadeiro cão raivoso a investir contra os que lhe maltratam. Aproximem-se desses rebanhos de mulheres e homens que enchem as ruas

<sup>68</sup> Diário da Borborema, 14 de abril de 1961.

em desespero, pelas manhãs, de porta em porta, a procura de água para comprar a preço extorsivo, e terão uma idéia do ódio de cada criatura contra tudo que é coisa pública.<sup>69</sup>

Temia-se uma atitude mais enérgica por parte da população que sofria com a falta constante de água. Qualquer um poderia virar qualquer coisa quando se visse privado do líquido precioso. O cronista chega a prever o que poderia acontecer se a população enfurecida tomasse providências com as suas próprias mãos.

A cidade se constituía enquanto espaço no qual essa população angustiada pela falta de água andava a procurá-la a preços extorsivos aumentando ainda mais o ódio com relação à inoperância do Poder Público em resolver tal situação. As tensões tornavam-se latentes com o passar dos dias e pelo tempo em que a situação tendia a ser mais grave.

Na crônica é visível o receio de se continuar a viver com poucas condições no tocante ao abastecimento de água e que não seria novidade a constatação de certos comportamentos incitados pelas precárias situações a que eram submetidas à maioria da população. As atitudes agressivas seriam naturalmente entendidas como reflexo da preocupação do Poder Público face às condições de fornecimento de água da cidade. Há também nas palavras do cronista a constatação de que a água era comprada a preços extorsivos. Sem dúvida, foram justamente os que mais dependiam do líquido precioso para suas atividades básicas os que mais sofriram.

---

<sup>69</sup> Diário da Borborema, 17 de outubro de 1963.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo deste trabalho pudemos perceber o esforço empreendido pelos homens de letras e representantes das elites campinenses na busca pela modernização da cidade em meados da década de 1950. Vimos como o jornal *Diário da Borborema* foi utilizado para expor a importância do desenvolvimento econômico de Campina Grande, bem como lidou com o principal problema da cidade no recorte analisado: o abastecimento de água e o esgotamento sanitário.

Campina Grande precisava acelerar seu processo de modernização, mas ao mesmo tempo precisava lidar com o problema do abastecimento de água e, para tanto, como marco da modernização da cidade no período analisado, houve a construção da adutora de Boqueirão, que representou a emergência da ampliação do sistema de abastecimento. Junto com ela vieram anseios de uma cidade moderna que propiciava o crescimento econômico. Porém, percebemos que a construção da adutora não eliminou por completo o problema de um abastecimento adequado para a cidade. Com o tempo, a adutora não atendia a demanda populacional sempre crescente da cidade e precisou ser ampliada.

Constatamos as medidas tomadas no sentido de resolver as questões concernentes ao abastecimento de água de Campina Grande. A resistência do problema levou o Poder Público a tomar medidas como a utilização da água do açude de Bodocongó para resolver o problema da falta de água e a construção de adutoras como o projeto Puxinanã – Grota Funda que aparecia como uma possível solução do grave problema. O projeto não teve resultados positivos a curto e médio prazo no tocante a solucionar o drama da falta de água potável para a realização das necessidades básicas dos habitantes da Campina Grande.

Ainda mais importante para a tentativa de resolver o problema na falta de água foi a construção da adutora de Vaca Brava que se impôs no discurso como empreendimento que mataria a sede dos campinenses e permitiria a estes a realização das necessidades básicas do cotidiano. Além disso, a adutora teve uma função catalisadora em prol do desenvolvimento econômico da cidade.

No entanto, conforme pudemos analisar e enfatizar a adutora de Vaca Brava não acompanhou o crescimento de Campina Grande e por um período não atendeu a demanda dela esperada. Nesse período, o Poder Público procurou tomar medidas paliativas com respeito a falta de água caracterizadas pela construção de chafarizes em pontos estratégicos da cidade.

Após a percepção de que a adutora de Vaca Brava não mais atendia a demanda populacional e que constantes dores de cabeça advinham da crise no abastecimento de água da cidade foi pensada uma ampliação desse sistema. Enquanto a ampliação não se concretizava, os homens de letras representavam a população como que sofrendo com a precária distribuição de água. Havia a esperança de um futuro promissor para a cidade, levando-se em conta os benefícios que poderiam trazer um serviço adequado de abastecimento de água e saneamento básico.

A década de 1950 apresentou-se como uma nova era no tocante à tentativa de resolução do drama da falta de água. No plano político nacional a segunda metade da década de 1950 foi marcada pela chegada ao poder de Juscelino Kubistchek e do desenvolvimento de sua política desenvolvimentista. Logo essa política ganhou grande aceitação na Paraíba por parte dos homens de letras e representantes das elites industriais e comerciais de Campina Grande e o problema no abastecimento de água da cidade foi posto no topo das prioridades.

Nesse contexto foi inaugurada a adutora de Boqueirão no ano de 1958 e se impôs como a grande obra que salvaria a população campinense do suplício da água e possibilitaria pensar num franco desenvolvimento econômico. Porém, conforme analisamos, a construção da nova adutora que auxiliou a adutora de Vaca Brava não representou o fim do suplício da falta de água de água de Campina Grande. O problema se arrastou até o final da década de 1950 e adentrou a década de 1960, com momentos de tensão e momentos de certa tranquilidade no tocante ao abastecimento de água, raros é claro.

Na busca de resolução do problema da falta de água de Campina Grande pudemos enfatizar o papel desempenhado pela empresa mista, a Sanesa, e de suas atitudes face a crescente demanda de solucionar a questão que perturbava as mentes e corações dos políticos locais, dos homens de letras e dos representantes das elites campinenses desejosa de ver pelas costas a questão.

Neste trabalho pudemos também destacar como os homens de letras da cidade representaram a população campinense uma vez que grande parcela da população sofria com o deficiente abastecimento de água. Também, enfatizamos as tensões provocadas entre Poder Público e trabalhadores da adutora de Boqueirão. A população aparecia representada nas matérias jornalísticas como tendo que disciplinar seus comportamentos diante da iminente crise que se avizinhava há quase todo o instante.

**MATERIAL IMPRESSO CONSULTADO**

*Jornal Diário da Borborema*. Campina Grande, 1957-1967;

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ALBURQUERQUE JR, Durval Muniz de. O preconceito contra o nordestino. IN: Preconceito Contra a Origem Geográfica e de Lugar: As fronteiras da Discórdia. São Paulo: Cortez, 2007, p. 89-129.

ARANHA, Gervácio Batista. A seca como “mote” para as reivindicações ferroviárias: teatralização política e produção imaginária de um Norte “sofrido”. IN: Trem e Imaginário na Paraíba e Região: Tramas Político-Econômicas (1880-1925). Campina Grande: EDUFCG, 2006, p. 89-130.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. História e historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos César de (org). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p. 237-258.

BURKE, Peter. *A Escola dos Anales: 1929-1989: a Revolução Francesa da Historiografia* Tradução de Nilo Odália. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CABRAL FILHO, Severino. *A cidade através de suas imagens: Uma Experiência Modernizante em Campina Grande (1930-1950)*. Tese de doutorado em Sociologia, UFPB. João Pessoa, 2007.

DO Ó, Edvaldo de Souza. *Sanesa: história de um bem comum*. Campina Grande: editora Campina Grande, 1982.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo, Cia. das Letras, 1980.

KUMAR, Krishan. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Tradução de Ruy Jungman. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 2ª edição. Trad. S. Borges. Campinas, Editora da Unicamp, 1992, p. 547.

LUCA, Tânia Regina. A História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo, Contexto, 2005, p. 111-153.

LOPEZ, André P. Ancona. Documento e História. IN: A velha história: Teoria, Método e historiografia / Jurandir Malerba (org.). Campinas, SP: Papirus, 1996, p. 15 - 36.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: De Getúlio a Castelo (1930-1964)*. 10ª edição. Trad. Ismênia Tunes Dantas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 203-211.